

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SARAH NAFE

ENTRE O DOMÉSTICO E O INDUSTRIAL: relações informais de trabalho e gênero
na produção têxtil em Goiânia no ano de 2024

Brasília -DF

2024

SARAH NAFE

ENTRE O DOMÉSTICO E O INDUSTRIAL: relações informais de trabalho e gênero
na produção têxtil em Goiânia no ano de 2024

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de antropologia social, da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para a Obtenção do
grau de mestre.

Orientador: Kelly Cristiane Da Silva

Brasília -DF
2024

SARAH NAFE

ENTRE O DOMÉSTICO E O INDUSTRIAL: relações informais de trabalho e gênero
na produção têxtil em Goiânia no ano de 2024

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de antropologia social, da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para a Obtenção do
grau de mestre.

Brasília, __ de _____ de ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.

Universidade

Prof. Dr.

Universidade

Prof. Dr. Kelly Cristiane Da Silva

Universidade UnB

RESUMO

Esta dissertação discute as condições de trabalho das costureiras que atuam em facções informais na região de Goiânia, com ênfase nas dinâmicas sociais, culturais e tecnológicas que permeiam esse setor. O estudo explora como a introdução de tecnologias, como as máquinas de costura especializadas, fragmenta o trabalho e redefine as identidades profissionais dessas trabalhadoras, que passam de artesãs a operadoras de máquinas. O ambiente de produção, muitas vezes localizado dentro do espaço doméstico, revela uma sobreposição entre as atividades produtivas e as responsabilidades familiares, resultando em uma sobrecarga de trabalho e aprofundando a precarização.

A dissertação também examina as implicações da informalidade e da ausência de direitos trabalhistas nas facções, destacando as desigualdades de gênero que atravessam o setor, onde as mulheres assumem funções mais precarizadas. O trabalho analisa a relação entre humano e máquina, além de investigar as formas de luta e sobrevivência das costureiras em um contexto de exploração. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa baseada em observação participante e entrevistas com trabalhadoras de facções, revelando as estratégias de adaptação e sobrevivência dessas mulheres diante das adversidades impostas pela lógica capitalista contemporânea.

Palavras-chave: Facções de costura. Trabalho informal. Precarização. Tecnologia. Gênero.

ABSTRACT

This dissertation investigates the working conditions of seamstresses employed in informal garment workshops in the Goiânia region, with an emphasis on the social, cultural, and technological dynamics that shape this sector. The study explores how the introduction of technologies, such as specialized sewing machines, fragments labor and redefines the professional identities of these workers, shifting them from artisans to machine operators. The production environment, often located within the domestic space, reveals an overlap between productive activities and family responsibilities, leading to work overload and deepening precarization.

The dissertation also examines the implications of informality and the absence of labor rights in these workshops, highlighting the gender inequalities that permeate the sector, where women take on the most precarious roles. Drawing on Donna Haraway's theories on the cyborg, this work analyzes the relationship between humans and machines while also exploring the forms of resistance, agency, and survival strategies employed by seamstresses in a context of exploitation. The research adopts a qualitative approach based on participant field observation and interviews with garment workshop workers, uncovering the strategies these women use to adapt and survive amid the adversities imposed by contemporary capitalist logic.

Keywords: Sewing factories. Informal work. Precariousness. Technology. Gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Relação de empresas e empregos por estado	27
Figura 2 — Distribuição geográfica da produção textil do Goiás.....	28
Imagem 1 — Moodboard - quadro de ideias que guia o desenvolvimento da coleção.....	34
Desenho 1 — Ilustração de moda - croqui e desenho técnico	35
Imagem 2 — Captura de tela do software audaces	36
Figura 3 — Matriz de corte	40
Fotografia 1 — Plotter Audaces modelo JetLux	41
Fotografia 2 — Enfiado de tecido e máquina de corte	43
Fotografia 3 — Galpão de corte de tecido terceirizado	44
Figura 4 — Corte de viés	45
Fotografia 4 — Máquina de bordado	47
Fotografia 5 — Estampa em DTF: Após ser prensada, a estampa é transferida para o tecido e a película plástica removida, deixando apenas a estampa impressa sobre a peça.	48
Fotografia 6 — Processo de sublimação.....	49
Fotografia 7 — Processo de serigrafia- a imagem mostra uma tela de pintura com tinta sendo aplicada, a tinta só penetra no local em que a tela tem abertura na trama. ..	50
Fotografia 8 — Máquina de laser fazendo estampa em jeans	51
Tabela 1 — Máquinas de costura.....	52
Imagem 3 — Mapa de distância entre Goiânia e Goianira.....	54
Figura 5 — Fação de costura e a disposição do maquinário.....	55
Figura 6 — Mesma fação da foto anterior, mas já em funcionamento	56
Figura 7 — Post no facebook desabafando sobre o preço de fação.	62
Figura 8 — Custo real de uma camiseta básica.....	63
Figura 9 — Processos para costura de camiseta.....	64
Figura 10 — Palma das mãos manchadas com o pigmento do tecido	69
Imagem 4 — Produtos químicos e tanque de água poluída.....	70
Imagem 5 — Pilhas de roupas recém lavadas e maquinário ao fundo	71
Imagem 6 — Garrafa de café com aviso de "PROIBIDO colocar rebite no café, respeite por favor!"	82
Imagem 7 — Comentários de Facebook sobre a baixa remuneração	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AER44	Associação Empresarial da Região da 44
APL	Programa de Arranjos Produtivos Locais do Estado de Goiás
ABIT	Associação Brasileira da Indústria Têxtil
EPIs	Equipamentos de Proteção Individual
CNI	Confederação Nacional da Indústria
MEI	Microempreendedor Individual

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	FORMULAÇÃO DA PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS DA PESQUISA...	12
1.2	CONCEITO DE TRABALHO	13
1.3	CONSUMO DE MODA COMO GERADOR DA DINAMICA DE PRODUÇÃO.....	17
1.4	LEVANTAMENTO TEÓRICA SOBRE A PRODUÇÃO DE MODA E FACÇÕES.....	23
2	MAPEAMENTO DO MERCADO E PROCESSOS PRODUTIVOS	26
2.1	SURGIMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DE MODA EM GOIANIA	26
2.2	PROFISSIONAIS E PROCESSOS PRODUTIVOS	30
2.3	FASE I - IDEALIZAÇÃO DO PRODUTO	32
2.4	FASE II - PREPARAÇÃO DA PEÇA: CORTE E BENEFICIAMENTO	38
2.5	FASE III - MONTAGEM: COSTUREIRA	51
2.6	FASE IV - ACABAMENTO	67
3	PARTE II: IMPACTO DA CADEIA INFORMAL NA VIDA PESSOAL ...	74
3.1	ETNOGRAFICO: INICIAÇÃO NA MODA	74
3.2	SAZONALIDADE E REMUNERAÇÃO VARIÁVEL.....	79
3.3	IMPACTO DA TECNOLOGIA NO OFICIO DA COSTURA.....	834
3.4	PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA CONFECÇÃO	866
3.5	JORNADA DUPLA DA MULHER E DA CASA	888
3.6	O HOMEM NA COSTURA	991
4	CONCLUSÃO	95
	REFERÊNCIAS	98
	GLOSSÁRIO	Erro! Indicador não definido.
	APÊNDICE A — Subtítulo do apêndice....	Erro! Indicador não definido.
	ANEXO A — Subtítulo do anexo	Erro! Indicador não definido.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda as dinâmicas produtivas e reprodutivas características das facções em Goiânia e região metropolitana. Ele surgiu a partir de uma vivência orientada por um olhar antropológico ao longo de aproximadamente três anos, de março de 2021 a dezembro de 2023. Durante esse período, atuei como administradora de produção e participei diretamente das operações de costura na cidade de Goiânia. A parte mais robusta da pesquisa foi realizada em uma facção na cidade de Goianira, região metropolitana de Goiânia, onde estive presente duas vezes por semana. Minhas visitas se estendiam por várias horas, durante as quais, além de resolver questões diretamente relacionadas ao trabalho, também mantinha conversas diversas com o objetivo de compreender a profissão, as relações de trabalho e os detalhes sobre a vida pessoal, as histórias e as experiências das trabalhadoras.

Sou descendente de uma família de imigrantes palestinos, cuja história no comércio de roupas remonta à década de 1970. Inicialmente, meus avós trabalhavam como mascates, vendendo de porta em porta; posteriormente, tornaram-se feirantes e, em seguida, lojistas. Essa trajetória evolutiva foi transmitida para meus pais e, por fim, a mim, transformando-se em uma profissão que atravessou gerações. A cada nova geração, o ofício se profissionalizou ainda mais, e hoje o comércio familiar está estruturado e consolidado.

Minha formação profissional também está intimamente ligada a esse legado. Graduei-me em design de moda, completei uma pós-graduação em administração de empresas e, movida pela curiosidade de entender comportamentos e relações sociais, fui atraída pela antropologia.

A pesquisa se tornou viável porque o negócio familiar deixou de se restringir à compra e venda de produtos, passando a incluir a fabricação própria. Esse caminho, favorecido pela possibilidade de eliminar intermediários, permitiu oferecer preços mais competitivos e maior margem de lucro. Atualmente, sou responsável por idealizar e administrar todas as etapas de produção das roupas. Esse envolvimento direto com as diversas fases da produção terceirizada me colocou em uma posição singular: de um lado, sou vista como a "chefe", com poder para direcionar e distribuir demandas;

de outro, estou profundamente conectada às dinâmicas informais e à realidade cotidiana dos trabalhadores.

Essa dualidade – ser parte essencial da cadeia produtiva e, ao mesmo tempo, analisar as relações que ela envolve – trouxe desafios e responsabilidades. Minha proximidade com os trabalhadores, facilitada pelo contato diário e pela relação profissional, me permitiu acessar de maneira íntima e empática os contextos em que se desenvolvem os laços e tensões dessa comunidade produtiva. Entretanto, para captar a profundidade e os significados dessas práticas, precisei equilibrar meus papéis de administradora e observadora. Esforcei-me para minimizar a percepção de autoridade associada à minha posição, buscando construir uma conexão pessoal com os trabalhadores. Notei, contudo, maior resistência em abordar temas relacionados a dinheiro, considerando que a negociação de valores é feita diretamente comigo. Foi necessário basear minha abordagem na escuta atenta e na troca de experiências para superar essas barreiras.

O objetivo deste estudo é compreender as relações de trabalho das costureiras que atuam de forma autônoma em oficinas informais, por meio da análise dos contextos históricos e econômicos que envolvem o setor de confecções e do mapeamento completo do processo produtivo da cadeia que o perfaz.. Busca-se esclarecer como essas relações funcionam em um mundo industrializado e em uma sociedade orientada pelo sistema de mercadorias. A pesquisa se concentra nas condições de trabalho das costureiras que atuam em facções domiciliares na região de Goiânia, investigando as múltiplas dinâmicas sociais, culturais, econômicas e tecnológicas que atravessam esse setor. As facções de costura, pequenas unidades produtivas que muitas vezes operam de forma informal, em garagens de casas ou galpões mais estruturados, especializam-se em etapas específicas da produção de roupas, como corte, costura, montagem e acabamento. Essas unidades costumam ser subcontratadas por grandes empresas ou marcas para realizar parte do processo produtivo, funcionando frequentemente dentro das próprias residências das costureiras. Essa organização, marcada pela informalidade, leva à precarização das condições de trabalho e à sobreposição entre o espaço doméstico e o ambiente produtivo, configurando um cenário de trabalho especialmente complexo para essas mulheres. A análise se dá sob uma perspectiva antropológica, com o objetivo de

compreender não apenas as práticas laborais, mas também as formas de organização social, resistência e negociação que emergem nesse contexto.

A confecção de roupas em facções domiciliares, especialmente em regiões periféricas como Goiânia, é um fenômeno que se insere em uma cadeia produtiva globalizada, onde a demanda por mão de obra barata é central para a manutenção da competitividade da indústria da moda. Nesse sentido, a produção descentralizada e informal, que ocorre nas casas das costureiras, atende à necessidade de reduzir custos, ao mesmo tempo em que oculta as condições precárias em que essas trabalhadoras estão inseridas. A pesquisa buscou, portanto, desvendar como essa lógica global impacta a vida dessas mulheres, que muitas vezes conciliam a produção de roupas com suas responsabilidades familiares e domésticas.

Entre os pontos centrais deste estudo está a análise da jornada dupla (ou mesmo tripla) enfrentada pelas costureiras que trabalham em casa. Essas mulheres, além de desempenharem suas funções produtivas, acumulam as responsabilidades do cuidado com a casa e com a família, o que resulta em uma sobrecarga significativa de trabalho. A fusão entre o espaço doméstico e o local de produção não só agrava essa sobrecarga, como também desestabiliza as fronteiras entre o público e o privado, tornando o lar um espaço de constante atividade produtiva. O conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu(2006) é particularmente relevante para entender como essas práticas se naturalizam no cotidiano dessas mulheres, levando-as a internalizar a jornada extenuante como parte de suas responsabilidades.

Outro ponto central desta pesquisa é a informalidade que caracteriza o trabalho nas facções domiciliares, e se coloca como algo estruturante, não temporário. A ausência de regulamentação adequada coloca as costureiras em uma situação de extrema vulnerabilidade, pois elas não têm acesso a direitos trabalhistas como férias, aposentadoria e licença-maternidade. Essa precarização do trabalho é agravada pela sazonalidade da demanda, que afeta diretamente a renda dessas trabalhadoras, obrigando-as a se submeter a jornadas extenuantes nos períodos de maior produção e a enfrentar a insegurança financeira nos períodos de baixa demanda. A ausência de um vínculo formal com as confecções que terceirizam o serviço para as facções cria um ambiente de informalidade extrema, no qual as costureiras não têm garantias ou estabilidade.

A pesquisa também se dedicou a examinar o impacto da introdução de novas tecnologias no setor de confecção. A fragmentação do processo produtivo, decorrente da introdução de máquinas especializadas, alterou significativamente a forma como o trabalho é realizado. Em vez de acompanhar todas as etapas da produção de uma peça de roupa, as costureiras agora atuam, muitas vezes, em apenas uma fase específica, o que limita sua autonomia e sua capacidade de controle sobre o produto final.

Para aprofundar essa análise, é essencial entender os conceitos de técnica e tecnologia. Segundo Marcel Mauss, a técnica é definida como o conjunto de gestos, práticas e saberes corporais que permitem aos indivíduos transformar a natureza e adaptar-se ao mundo. Já a tecnologia, em uma perspectiva contemporânea, abrange não apenas ferramentas e equipamentos, mas também os sistemas de organização e os processos que aplicam o conhecimento científico para otimizar a produção e modificar o ambiente humano. No contexto das facções de costura, a tecnologia atua como mediadora da relação entre o humano e o trabalho, alterando a dinâmica produtiva e as formas de interação entre trabalhadores e ferramentas.

A análise a partir das teorias de Donna Haraway sobre o ciborgue complementa essa abordagem ao questionar as fronteiras entre humano e máquina. Haraway sugere que a tecnologia não é apenas um instrumento de trabalho, mas um elemento que redefine identidades e relações sociais. No setor de confecção, essa perspectiva nos ajuda a compreender como a introdução de máquinas especializadas transforma as costureiras, que deixam de ser vistas como artesãs para serem tratadas como operadoras em uma cadeia produtiva mecanizada. Essa transição evidencia não apenas mudanças nas práticas laborais, mas também na forma como essas trabalhadoras percebem e negociam suas próprias identidades em um ambiente marcado pela mecanização e pela exploração.

Além disso, a dissertação explora a questão da solidariedade entre as costureiras, que, mesmo em um ambiente altamente competitivo e informal, encontram formas de apoio mútuo. A formação de redes informais por meio de grupos de WhatsApp e redes sociais, onde compartilham oportunidades de trabalho, técnicas de costura e apoio emocional, demonstra a importância da coletividade para a sobrevivência dessas trabalhadoras. A solidariedade entre as costureiras é um elemento essencial que lhes permite lidar com as dificuldades impostas pela

informalidade e pela precarização do trabalho. Por fim, este estudo busca também entender as formas de sobrevivência que as costureiras desenvolvem em meio à adversidade. Apesar das condições de exploração, muitas dessas mulheres encontram maneiras de negociar suas remunerações pelo trabalho, melhorando sua qualidade de vida e garantindo sua sobrevivência e a de suas famílias.

Assim, esta dissertação oferece uma análise multifacetada das facções de costura domiciliares em Goiânia, buscando compreender as diferentes dimensões que atravessam a vida e o trabalho dessas mulheres. Ao utilizar uma abordagem antropológica, o estudo contribui para uma compreensão mais profunda de como as desigualdades de gênero, a precarização do trabalho, a informalidade e a exploração capitalista se articulam nesse contexto. O foco está nas experiências das costureiras, nas suas estratégias e desafios que enfrentam ao tentar conciliar as demandas produtivas e as responsabilidades familiares.

A pesquisa não apenas ilumina um setor amplamente invisibilizado pela sociedade e pelo mercado formal, mas também lança luz sobre as tensões estruturais que permeiam o trabalho informal no Brasil. Ao investigar as facções domiciliares, este estudo pretende contribuir para o debate sobre a necessidade de políticas públicas que promovam maior proteção e reconhecimento para as trabalhadoras informais, evidenciando a urgência de se enfrentar as desigualdades estruturais que afetam essas mulheres.

1.1 FORMULAÇÃO DA PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS DA PESQUISA

A indústria da moda, um dos principais pilares do capitalismo contemporâneo, está profundamente conectada à informalidade e à precarização laboral em diversos países, incluindo o Brasil. Em Goiânia, as facções de costura exemplificam uma estrutura produtiva caracterizada por baixos salários, falta de direitos trabalhistas e condições inadequadas de trabalho. Frequentemente instaladas nos lares das costureiras, essas facções misturam o ambiente doméstico com o produtivo, sobrecarregando as mulheres, que precisam conciliar a produção com as responsabilidades familiares. Simultaneamente, o avanço tecnológico no setor, com a introdução de máquinas especializadas, altera o papel dessas profissionais,

transformando-as em operadoras de etapas específicas, o que fragmenta ainda mais seu trabalho e suas identidades.

Diante desse contexto, emergem algumas questões fundamentais: de que forma a tecnologia reconfigura as dinâmicas de trabalho nas facções de costura? Como as costureiras gerenciam a fusão entre o espaço de produção e o doméstico? Quais são os efeitos da informalidade e da precariedade em suas vidas, especialmente em um setor predominantemente feminino? E como essas trabalhadoras negociam suas identidades e desenvolvem formas de sobrevivência em um ambiente de alta vulnerabilidade social e econômica?

Essa pesquisa se propõe a analisar as condições de trabalho das costureiras em facções informais, com foco no impacto da tecnologia, na informalidade e nas questões de gênero presentes no setor. A investigação pretende compreender como essas trabalhadoras experimentam a precarização e as maneiras pelas quais resistem à exploração em um cenário de vulnerabilidade crescente.

1.2 CONCEITO DE TRABALHO

O conceito de trabalho tem sido um dos temas centrais em discussões sobre a organização social e econômica das sociedades, especialmente no contexto do capitalismo. O trabalho, segundo Karl Marx, é a principal fonte de produção de valor no capitalismo. Marx propõe que, no capitalismo, o trabalho humano se torna alienado, pois o trabalhador perde o controle sobre o produto de seu trabalho, que é apropriado pelo capitalista, gerando a mais-valia, ou seja, o excedente de valor produzido pelo trabalhador que não é retornado. Nesse sentido, o trabalho, que poderia ser uma forma de realização humana, torna-se uma ferramenta de opressão, exploração e alienação (MARX, 2013). Na contemporaneidade, a informalidade no trabalho, especialmente em economias periféricas, amplia e intensifica essa exploração. A informalidade representa uma forma mais precária de organização do trabalho, na qual as relações trabalhistas não são mediadas por garantias ou proteções legais, como carteira assinada, férias ou aposentadoria como costumava ser alguns séculos atrás quando os trabalhadores valorizavam o trabalho por carteira assinada e assistência sindical.

O sociólogo Jan Breman oferece uma análise detalhada dessa forma de trabalho em seu estudo sobre as economias informais na Índia, mas que pode ser aplicado ao caso brasileiro. Segundo Breman, a informalidade não é um fenômeno marginal ou temporário, mas uma característica estrutural das economias capitalistas contemporâneas, especialmente nas regiões periféricas do capitalismo global. Ele define o trabalho informal como uma forma de "proletarização sem formalização", em que o trabalhador é integrado ao processo produtivo de maneira precária, sem os direitos que normalmente acompanham a formalização do emprego (BREMAN, 2013). Para ele, o trabalho informal é caracterizado pela instabilidade, baixos salários, e ausência de benefícios sociais, mas, ao mesmo tempo, serve como um mecanismo que mantém a força de trabalho disponível e barata para o capital.

Na análise de Giralдин (2022), esse fenômeno se torna evidente no contexto brasileiro pela introdução do empreendedorismo individual como uma solução para a informalidade. Giralдин argumenta que, com a criação do Microempreendedor Individual (MEI), o Estado transfere para o trabalhador a responsabilidade de gerir sua própria formalização, mas sem resolver as questões estruturais da precarização. O trabalhador, ao se tornar um MEI, continua vulnerável às mesmas condições de exploração, mas agora é responsável por pagar suas contribuições previdenciárias, administrar seus impostos e gerenciar seus direitos trabalhistas. Ele observa que, embora o MEI ofereça algum nível de formalidade, essa formalização não resolve as questões estruturais do trabalho precário, e muitas vezes perpetua a informalidade ao disfarçar a precarização sob a aparência de empreendedorismo (GIRALDIN, 2022).

O conceito de trabalho autônomo discutido por Raoni quanto por Simon C. Parker (2004) oferece uma análise crítica da realidade do empreendedorismo, frequentemente promovido como uma alternativa ao emprego formal. Parker destaca que o empreendedorismo é geralmente associado à ideia de autonomia, flexibilidade e independência, sendo essas características atraentes para muitos trabalhadores, especialmente em economias periféricas, onde o emprego formal está cada vez mais escasso. No entanto, essa escolha pelo trabalho autônomo traz consigo uma série de riscos que são muitas vezes subestimados pelos próprios trabalhadores e pelos discursos políticos e econômicos que incentivam o empreendedorismo.

Para Parker, a autonomia no trabalho autônomo é ilusória em muitos casos, pois, ao se tornarem responsáveis por seu próprio sustento, os trabalhadores

enfrentam condições econômicas muitas vezes mais precárias do que aquelas oferecidas pelo emprego formal. Ele argumenta que, embora o empreendedorismo seja valorizado por proporcionar uma sensação de controle sobre a própria carreira, ele frequentemente transfere para o trabalhador uma série de responsabilidades que não são exigidas no emprego formal, como a necessidade de gerenciar tributos, contribuições previdenciárias e riscos de mercado. Esse "self empreendedor" é, na verdade, sobrecarregado com a administração de seus próprios encargos trabalhistas e a incerteza constante quanto à sua renda, além de uma precariedade maior em termos de segurança financeira e social. Diferente dos trabalhadores formais, que têm acesso a benefícios como aposentadoria, seguro-desemprego e férias remuneradas, os autônomos são frequentemente desprovidos dessas proteções, ficando à mercê das flutuações do mercado. Parker ressalta que essa vulnerabilidade coloca os trabalhadores autônomos em uma posição de constante incerteza, intensificada pela falta de uma rede de segurança social que os proteja em momentos de crise econômica ou falha empresarial (PARKER, 2004).

Além disso, o autor aponta que a ilusão da autonomia pode mascarar formas mais profundas de subordinação ao mercado. Ele argumenta que muitos trabalhadores autônomos, especialmente em setores informais, como o caso das costureiras nas facções de costura no Brasil, acabam reproduzindo uma dinâmica de exploração em que trabalham mais horas e assumem mais responsabilidades, mas recebem menos remuneração. Nesse sentido, a autonomia prometida pelo empreendedorismo se revela, na prática, uma forma intensificada de exploração, onde o trabalhador é ao mesmo tempo o empregado e o "patrão", mas sem os benefícios e a segurança que essa dupla função deveria oferecer.

Ao analisar o contexto do empreendedorismo no Brasil, Parker também reconhece que o incentivo ao trabalho autônomo está profundamente entrelaçado com as políticas neoliberais, que deslocam as responsabilidades do Estado e das empresas para o indivíduo. Nesse cenário, o trabalhador é incentivado a "empreender" sua própria força de trabalho, mas sem as garantias que assegurariam um padrão mínimo de dignidade e estabilidade. Como resultado, o empreendedorismo autônomo, em vez de ser uma forma de emancipação, muitas vezes resulta em uma perpetuação da precariedade, da instabilidade financeira e da dependência de mercados voláteis (PARKER, 2004).

Esse ponto de vista dialoga com a análise de Carla Freeman (2014), que também discute como o empreendedorismo neoliberal impõe uma carga invisível ao trabalhador autônomo. Freeman argumenta que, embora o discurso neoliberal promova o empreendedorismo como uma forma de liberdade, ele, na prática, transfere os riscos e responsabilidades do capital para o indivíduo. O "self empreendedor", assim como descrito por Parker, é sobrecarregado com a administração de sua própria subsistência no mercado, sem a rede de segurança oferecida pelo emprego formal. No caso das costureiras brasileiras, essa realidade é particularmente dura, pois elas assumem os custos da produção, os riscos de mercado e ainda enfrentam a precariedade de uma economia informal (FREEMAN, 2014).

As costureiras que trabalham em facções domiciliares, por exemplo, enfrentam uma fusão entre o espaço doméstico e o espaço produtivo, onde a distinção entre trabalho e vida pessoal se dissolve. Essas trabalhadoras muitas vezes operam em condições de extrema precariedade, assumindo os custos e os riscos da produção sem a segurança de um salário estável ou de benefícios sociais. A lógica do empreendedorismo individual, que as transforma em "empreendedoras de si", na verdade disfarça a exploração contínua de sua força de trabalho, perpetuando o ciclo de pobreza e exclusão social.

Essas dinâmicas são reforçadas pela falta de modernização tecnológica no setor de confecção, que mantém as trabalhadoras dependentes de maquinário defasado e de baixa eficiência. O investimento insuficiente em tecnologia e capacitação profissional limita a capacidade dessas trabalhadoras de melhorar sua produtividade e, conseqüentemente, seus rendimentos. Como Freeman sugere, o "self empreendedor" é constantemente pressionado a se adaptar às demandas do mercado, muitas vezes sob a promessa de flexibilidade e autonomia, mas na realidade enfrentando condições de trabalho ainda mais precárias (FREEMAN, 2014).

Esse quadro se encaixa na análise mais ampla de Marx sobre a alienação do trabalho no capitalismo. Para Marx, o trabalhador se torna alienado do produto de seu trabalho, dos meios de produção e até de si mesmo, pois sua atividade é controlada pelo capital. No caso das costureiras informais, essa alienação é exacerbada pela falta de controle sobre as condições de trabalho e pela fusão entre o espaço doméstico e o espaço produtivo. O trabalho, em vez de ser uma fonte de realização e autonomia, torna-se uma forma de subordinação e exploração.

A informalidade no trabalho, especialmente no contexto do capitalismo contemporâneo, pode ser entendida como uma forma de intensificação da exploração. Os trabalhadores informais são constantemente pressionados a produzir mais, com menos recursos e menos garantias. A introdução de formas de empreendedorismo individual, como o MEI, apenas disfarça essa exploração, ao transferir para o trabalhador a responsabilidade por sua própria sobrevivência no mercado. Como Marx, Breman, Parker, Giralдин e Freeman sugerem, a informalidade é uma característica estrutural das economias capitalistas atuais, especialmente nas periferias globais, onde a precarização do trabalho é uma constante.

1.3 CONSUMO DE MODA COMO GERADOR DA DINAMICA DE PRODUÇÃO

Atualmente, a mão de obra empregada no processo de confecção de roupas é organizada de maneira altamente influenciada pela revolução industrial, sendo segmentada em cadeias produtivas. No entanto, isso nem sempre foi assim. Para compreendermos como a cadeia de produção está organizada atualmente, é necessário analisar o processo de industrialização no mundo ocidental, especialmente os períodos históricos e comportamentais que antecederam e sucederam a Primeira Guerra Mundial. Foi nesse contexto que as mulheres entraram massivamente no mercado de trabalho, o que demandou uma mudança no estilo das roupas, pois as vestimentas utilizadas até então não eram adequadas para as novas funções. Os vestidos longos deram lugar a modelos mais curtos e com menos tecido, em parte devido ao conforto e à facilidade de confecção das peças, mas também devido ao período de escassez durante a guerra, quando houve racionamento de tecidos.

Esse foi o primeiro momento na era moderna em que houve uma mudança na imagem da mulher e na forma como ela deveria se comportar, não apenas desempenhando o papel de dona de casa, mas também integrando-se ao mercado de trabalho. Já na década de 1920, no pós-Primeira Guerra Mundial, as mulheres haviam conquistado uma nova posição na sociedade, tornando-se parte integrante do mercado de trabalho e não mais totalmente dependentes dos homens para seu

sustento. Muita literatura de moda utiliza como símbolo dessa mudança a estilista Coco Chanel, conhecida por sua imagem de mulher solteira, empresária e autossuficiente, que sempre adotava uma posição de vanguarda na forma de se vestir. Chanel, influente na moda da época, proprietária de um dos principais ateliês de Paris, talvez tenha sido a primeira mulher a usar vestidos com comprimento acima do tornozelo, popularizando essa tendência na França e posteriormente em outros países ocidentais. Ela ocupou um lugar importante na alta sociedade como símbolo de revolução. Mais tarde, foi também a primeira mulher a usar calças em eventos públicos da alta sociedade, produzindo e vendendo essas peças em seu ateliê para que outras mulheres pudessem acompanhar a nova evolução no vestuário feminino.

No início do século XIX até 1945, a revolução no vestuário feminino caminhava rumo à sua equiparação com o vestuário masculino. No entanto, em 1947, o estilista Christian Dior, proprietário de um ateliê de destaque, lançou uma coleção buscando inspiração na Belle époque, com vestidos acinturados e saias rodadas. Embora não tenha retornado completamente aos volumes e comprimentos daquela época, essa coleção trouxe de volta a busca pela feminilidade no vestuário, provocando mais uma transformação na moda feminina.

É a partir dessas mudanças no vestuário que surgem as tendências de moda, caracterizadas pela alteração constante de tecidos, cores e formatos. Antes, essas mudanças ocorriam a cada década, mas agora acontecem em intervalos cada vez mais curtos, chegando a ocorrer em questão de meses ou até semanas. Esse fenômeno é impulsionado pelo excesso de informações das redes sociais, que disseminam rapidamente as novas tendências. Essas mudanças constantes na moda exigem adaptações na cadeia de produção, tornando-a cada vez mais rápida. O consumidor, por sua vez, para acompanhar essa velocidade, demanda que as roupas se tornem cada vez mais acessíveis, uma vez que são tão efêmeras. Essa forma de pensar a moda como algo perecível foi difundida a partir do livro "Império Efêmero" (Lipovetsky, 2009) que aborda a história da moda e seu papel nas sociedades modernas, analisando como a moda reflete e influencia as mudanças culturais, sociais e econômicas ao longo do tempo.

De acordo com o autor, as roupas são efêmeras devido à própria natureza da moda e da sociedade de consumo moderna. Gilles Lipovetsky (2009) argumenta que a moda é um fenômeno cultural marcado pela constante mudança, onde novas

tendências são continuamente introduzidas para substituir as antigas. Esse ciclo de renovação é impulsionado pela busca incessante por novidades e pelo desejo de diferenciação e identidade pessoal. A efemeridade das roupas é uma característica intrínseca da moda, pois ela reflete não apenas mudanças estéticas, mas também valores sociais, econômicos e culturais em constante evolução. As roupas estão sujeitas a tendências passageiras que surgem e desaparecem rapidamente, alimentadas pela indústria da moda, pela mídia e pela cultura de consumo. Explica ainda que, na sociedade contemporânea, a moda desempenha um papel fundamental na construção da identidade pessoal e na expressão individual. As pessoas buscam constantemente se atualizar e se adaptar às últimas tendências para se sentir inseridas e aceitas socialmente. Nesse contexto, as roupas se tornam objetos de desejo e de status, mas também são consumidas de forma rápida e descartável, já que sua relevância é passageira.

A indústria da moda enfrenta um desafio crescente devido à sua natureza efêmera e à cultura de consumo acelerada. Com a globalização e a disseminação rápida das tendências, as empresas são pressionadas a produzir em ritmo acelerado para atender à demanda por novidades constantes.

Esse ciclo de produção intensivo muitas vezes resulta em práticas desrespeitosas com os trabalhadores, como baixos salários e condições precárias de trabalho, refletindo a tensão entre a busca por lucro e o respeito aos direitos humanos. Além disso, a rápida obsolescência das peças de vestuário, impulsionada pela busca incessante por novidades, contribui para um ciclo de consumo cada vez mais voraz, que desrespeita o meio ambiente e aumenta a pressão sobre os trabalhadores da indústria têxtil. Em suma, busca por uma produção sustentável, rápida e rentável, enquanto tenta sem muito sucesso equilibrar a necessidade de respeitar os direitos e o bem-estar dos trabalhadores.

Essa lógica produtiva é consequência do consumo impulsionado pela efemeridade da moda. Segundo Simmel em sua teoria sociológica, há uma distinção entre "moda" e "vestimenta". Enquanto "moda" se refere à constante mudança de estilos e tendências na maneira de se vestir, "vestimenta" é mais estável, representando o aspecto básico e funcional da roupa, independentemente das tendências. Para Simmel, a moda é uma forma de expressão social que reflete as relações de poder, status e identidade dentro de uma sociedade.

No contexto atual de globalização, a moda desempenha um papel significativo como ferramenta social de inclusão, permitindo que as pessoas se identifiquem com grupos de gostos similares e, ao mesmo tempo, se distanciem de outros grupos dos quais não desejam fazer parte. Lars Svendsen em "Moda: Uma Filosofia"(2004) caracteriza a moda pela mudança, contrastando com a busca pela autodeterminação racional da modernidade. Svendsen destaca que cada nova moda representa uma recusa em herdar a anterior, uma subversão contra a opressão da moda anterior, o que implica em uma emancipação ao nos libertar da antiga coerção. No entanto, essa emancipação é substituída por uma nova coerção. Essa visão da moda associada ao novo foi impulsionada por Kant (2006), que afirmou que "a novidade torna a moda sedutora". Isso contrasta com a perspectiva anterior de filósofos como Charles Baudelaire (2018), que relacionavam a moda puramente à beleza. Assim, a moda não é apenas uma expressão estética, mas também um reflexo das dinâmicas sociais e dos desejos individuais e coletivos, influenciando e sendo influenciada pelo processo de produção de roupas.

Atualmente, é praticamente uma unanimidade entre os teóricos que a moda está em constante movimento. A questão é para onde ela está se movimentando? De um ponto de vista pragmático de Kant (2006), ela segue em busca de status. É uma inclinação natural do ser humano comparar seu comportamento com o de alguém mais importante. Como as crianças espelham o comportamento dos adultos e pessoas comuns se comparam com aristocratas para imitar seus modos. "Tal imitação que praticamos é, portanto, da ordem da vaidade, porque não há um valor interno ao mesmo tempo, e também da ordem da insensatez, porque, por força da moda, temos ainda uma compulsão a nos submeter servilmente ao mero exemplo que muitas das sociedades projetam sobre nós."(Kant, 2006, p. 148).

Seguindo essa ideia de que a moda segue algo que possa ser considerado superior "O desenvolvimento da moda é, em grande parte, um produto do desejo de imitação e emulação, que se manifesta de forma mais notável nas classes que se encontram em ascensão na escala social. (Veblen, 1987, p. 60) " O autor analisa a moda como uma forma de ostentação, onde as elites buscam se distinguir socialmente através do consumo de bens e serviços que são considerados luxuosos e exclusivos. Ele observa como as classes privilegiadas frequentemente estabelecem padrões de consumo que são seguidos pelas classes mais baixas em uma busca por ascensão

social. Ou seja, a moda está ligada à noção de imitação, onde indivíduos buscam copiar o comportamento e o estilo das classes mais altas para se inserirem ou se destacarem dentro da sociedade.

Assim, para Veblen, a moda é mais do que uma simples expressão de gosto ou estilo pessoal; é um fenômeno social que reflete as dinâmicas de poder e hierarquia presentes na sociedade de consumo. "A moda, no seu nível mais fundamental, é a expressão simbólica do desejo de distinção social e da busca por status dentro da sociedade de consumo." (Veblen, 1987, p. 48). Veblen afirma que não basta ter dinheiro e poder, pra alcançar uma posição social maior é preciso tornar isso visível, e que por isso é possível entender que a moda segue essa lógica dual entre a diferenciação e a imitação. Se diferenciar das pessoas de sua própria classe do seu próprio grupo social e se aproximar imitar daquela classe o grupo que considera superior. Tal comportamento é explicado pelo mesmo autor quando fala sobre necessidades, "As necessidades humanas de individualidade, conformidade, liberdade e independência são frequentemente conflitantes na sociedade moderna, onde as pressões da vida em grupo frequentemente suprimem os impulsos individuais em favor da conformidade social." (Veblen, 1987, p. 107) Que se torna mais um incentivo para uso da moda como objeto diferenciador do indivíduo. Atualmente não é mais tão usado pensamento de moda ou tendência como uma divisão de classe social mas em algum nível há influência. Para Simmel, todas as mudanças sociais são impulsionadas pelas classes sociais, onde as classes mais altas rejeitam aquilo que as classes inferiores têm acesso, e é isso que movimenta a moda. A classe alta tenta se diferenciar da classe média, e a classe média tenta se diferenciar da classe inferior, enquanto os grupos tentam copiar e se aproximar daquilo que consideram superior, seja de classes, grupos ou pessoas. Em seu ensaio "A Moda" (Simmel, 1911), Simmel afirmou que a moda está sempre carregando sua própria morte dentro de si, pois assim que outro grupo considerado inferior tiver acesso ao item, ele deixará de ser interessante. Esse pensamento sobre a moda dividida ou impulsionada pela diferença de classes foi a base para muitas décadas de pensamento sobre moda.

Na era pós-Internet e com a ascensão das redes sociais como Instagram e TikTok, impulsionadas pelos influenciadores digitais, a velocidade com que as tendências surgem e se tornam obsoletas atingiu um patamar tão acelerado que o mercado de moda não consegue acompanhar. As marcas enfrentam o desafio de

produzir itens de consumo em um ritmo suficientemente rápido para que ainda sejam desejados pelos consumidores no momento em que chegam às prateleiras. Nesse contexto, a moda deixou de ser guiada exclusivamente pelo poder aquisitivo dos indivíduos e passou a ser influenciada pela dinâmica de consumo dentro de diferentes grupos sociais. Entre esses grupos, destaca-se o chamado "old money", um segmento que valoriza o luxo de maneira tradicional. As marcas de luxo que atendem a esse público buscam inspiração no diferente, não para chocar, mas para criar peças com materiais exclusivos e elevado padrão de acabamento e qualidade, características que as tornam acessíveis apenas às classes mais altas.

Dessa forma, esse grupo se torna exclusivo a pessoas com alto poder aquisitivo. A distinção: crítica social do julgamento, argumenta que a moda e o consumo são formas de distinção social. Seu autor (Bourdieu 200) observa que diferentes grupos sociais adotam estilos e padrões de consumo específicos como uma forma de afirmar sua posição na hierarquia social. Para ele, o consumo não é apenas uma questão de preferência individual, mas sim uma maneira de reforçar as fronteiras entre os diferentes estratos sociais. Elisabeth Wilson, considerando essas afirmações, acrescenta que a moda é uma expressão da identidade social e como diferentes grupos se apropriam dela de maneiras distintas. Wilson examina como as subculturas e grupos étnicos adotam estilos de moda específicos para criar identidades culturais únicas e reivindicar seu espaço na sociedade (Wilson, 2002). E Roland Barthes complementa esse pensamento trazendo a moda como um sistema simbólico complexo que influencia e é influenciado pela sociedade contemporânea, não sendo a moda apenas uma questão de seguir tendências, mas sim uma forma de comunicação simbólica que transmite mensagens sobre identidade, status social e pertencimento, e as escolhas individuais são usadas pelas pessoas para construir e afirmar suas identidades dentro da sociedade (Barthes, 1980).

Porém, como nos mostra Anna Tsing em *The Mushroom at the End of the World*, essa visão de uma indústria que simplesmente responde de forma eficiente às demandas de consumo mascara as profundas contradições do capitalismo global. A produção em larga escala não se sustenta apenas na eficiência, mas também nas instabilidades e nas crises geradas pelo próprio sistema. Em vez de operar de forma linear e previsível, a indústria moderna se alimenta de condições precárias, tanto no trabalho quanto no meio ambiente, que são invisibilizadas no discurso de progresso e

inovação. A indústria não apenas supre desejos preexistentes, mas também molda novas aspirações a partir das ruínas e desigualdades que ela própria perpetua.

Tsing (2015) observa que “a sobrevivência do capitalismo depende não apenas da criação de novos valores, mas também de salvar valor da ruína¹.” (p. 63), destacando como o capitalismo global se alimenta das crises que ele próprio gera. Nesse contexto, as “zonas de exploração” referem-se a áreas periféricas aos centros capitalistas que, por se encontrarem devastadas ou economicamente vulneráveis, são intensamente exploradas, tanto na extração de recursos naturais quanto na utilização de mão de obra barata. Essas zonas tornam-se alvo de exploração desenfreada para manter o ritmo da produção em massa, frequentemente à custa da degradação ambiental e social.

Ao basear seu crescimento na exploração dessas regiões, o sistema capitalista cria uma cadeia produtiva que, longe de ser justa, oprime e sobrecarrega trabalhadores. Seja em fábricas, campos agrícolas ou minas, a incessante busca pela maximização dos lucros transforma os trabalhadores em meras engrenagens descartáveis de uma máquina industrial global. Sujeitos a condições precárias de trabalho, longas jornadas e baixos salários, eles se tornam vítimas de uma lógica produtiva que valoriza a eficiência acima de tudo.

1.4 LEVANTAMENTO TEÓRICO SOBRE A PRODUÇÃO DE MODA E FACÇÕES

As facções de costura são uma forma específica de organização produtiva no setor de confecção e vestuário, conforme analisado por Araújo (2017). Elas são caracterizadas como pequenas unidades de produção, muitas vezes informais, que se especializam em uma ou mais etapas do processo produtivo, como corte, costura, montagem e acabamento de roupas. Segundo o autor, essas unidades produtivas são geralmente subcontratadas por grandes indústrias têxteis para realizar atividades específicas, permitindo maior flexibilidade e adaptação às variações de demanda do mercado. Essa flexibilidade faz das facções um elo estratégico para a produção em larga escala e para a redução de custos operacionais.

¹“capitalism’s survival depends not just on making new value, but on saving value from ruination” (Tsing, 2015, p. 63)

Nunes e Campos (2005) destacam que a organização do trabalho nas facções é segmentada e linear, com cada unidade responsável por uma etapa específica do processo produtivo. As fases incluem o corte dos tecidos, seguido pela costura e montagem das peças, o acabamento e, por fim, a embalagem. Essa estrutura permite uma maior eficiência na produção, mas também reforça a informalidade e a precarização das relações laborais, características marcantes desse setor.

Cunha (2015) explora o conceito de facção no setor de confecção, definindo-as como unidades produtivas subcontratadas para etapas específicas do processo. O autor ressalta que, embora algumas dessas unidades operem formalmente como microempresas registradas, a maioria funciona de forma informal, sem regulamentação adequada. Essa informalidade, como observado por Lima (2016), contribui para a precarização do trabalho, com muitas facções operando em espaços improvisados, como garagens e residências, e sem o registro formal dos trabalhadores, o que resulta na ausência de direitos trabalhistas básicos, como férias remuneradas e aposentadoria.

Araújo (2017) analisa detalhadamente as etapas produtivas nas facções, descrevendo que o corte é a primeira etapa do processo, geralmente realizado por homens que operam máquinas especializadas. Ele explica que essa etapa prepara as partes que serão montadas posteriormente. A costura e montagem, por outro lado, é o núcleo do trabalho das facções e é majoritariamente executada por mulheres que utilizam máquinas como overlock e interlock. Lima (2016) enfatiza que o acabamento, por ser uma atividade de baixa especialização, é frequentemente realizado por adolescentes ou idosos, especialmente em contextos familiares. Na etapa final, a embalagem e inspeção garantem que as peças atendam aos padrões de qualidade, embora essa fase, muitas vezes, seja negligenciada para acelerar o envio das peças.

Corrêa (2023) discute como a informalidade domina todas as etapas produtivas no setor de moda no Brasil. Ele observa que a prevalência de contratos temporários e de curta duração é uma característica estruturante das facções, resultando em vínculos empregatícios frágeis e na exclusão social dos trabalhadores. Lima (2016) complementa essa análise, apontando que a sazonalidade da produção agrava a instabilidade dos rendimentos, deixando os trabalhadores dependentes da continuidade das encomendas. Durante períodos de baixa produção, muitos são dispensados, perpetuando ciclos de pobreza.

Nunes e Campos (2005) também investigam as condições de trabalho nas facções, destacando que os ambientes físicos frequentemente são insalubres e improvisados, com pouca ventilação e ergonomia inadequada. As jornadas longas e a pressão por produtividade resultam em problemas de saúde, como lesões por esforços repetitivos e problemas de visão. Lima (2016) acrescenta que o modelo de remuneração baseado na produtividade aumenta o ritmo de trabalho, criando um ambiente de rivalidade e tensão entre os trabalhadores.

Rosa e Cunha (2023) abordam a divisão sexual do trabalho nas facções, apontando que as mulheres predominam em funções de costura e acabamento, tradicionalmente associadas ao trabalho doméstico, enquanto os homens atuam em funções mais valorizadas, como corte e estamparia, que exigem maior esforço físico e são melhor remuneradas. Essa divisão reflete e perpetua desigualdades de gênero, tanto no acesso às posições mais valorizadas quanto na remuneração.

Por fim, Breman (2013) fornece uma análise mais ampla da informalidade no capitalismo global, argumentando que ela opera como um mecanismo estrutural para explorar trabalhadores. Ele descreve a informalidade como uma forma de "proletarização sem formalização", em que os trabalhadores são incorporados ao processo produtivo sem garantias legais, resultando em precarização e vulnerabilidade.

Em resumo, as facções de costura desempenham um papel essencial na produção em larga escala para grandes empresas, mas seu funcionamento está intrinsecamente ligado à informalidade, precarização e desigualdades estruturais. Autores como Araújo (2017), Nunes e Campos (2005), Cunha (2015) e Rosa e Cunha (2023) contribuem para uma compreensão abrangente desse modelo produtivo, que reflete as tensões do capitalismo contemporâneo.

2 MAPEAMENTO DO MERCADO E PROCESSOS PRODUTIVOS

2.1 SURGIMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DE MODA EM GOIANIA

O setor de confecção de moda no Brasil é um dos mais importantes do país, empregando cerca de 1,33 milhão de trabalhadores formais e mais de 8 milhões de pessoas indiretamente ao longo de sua cadeia produtiva. Desse contingente, 60% dos trabalhadores formais são mulheres (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO, 2023), muitas delas atuando como costureiras, o que demonstra a predominância feminina nas atividades de confecção.

O relatório "Estatísticas de Gênero: Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil", publicado pelo IBGE, revela que mais de 62% das costureiras trabalham em suas próprias residências, e 51% não possuem carteira assinada, reforçando a correlação entre trabalho domiciliar, informalidade e precarização (IBGE, 2024). Esses dados no âmbito nacionais se mostram ainda mais alarmantes no estado de Goiás.

O setor de moda em Goiânia evoluiu de maneira significativa nas últimas décadas, em grande parte impulsionado pela criação de feiras populares como a Feira Hippie, a Feira da Lua e a consolidação da Região da 44 como um dos principais polos de moda e confecção do país. Esses eventos formaram uma rede interligada de comércio e produção que, além de fomentar a economia local, atrai compradores de todo o Brasil, consolidando Goiânia como um destino relevante no mercado de moda e vestuário.

A Feira Hippie, criada em 1969, desempenhou um papel central no desenvolvimento da indústria local. Inicialmente um espaço voltado para artesanatos e produtos alternativos, a feira se consolidou como a maior feira ao ar livre da América Latina, com mais de 10 mil expositores cadastrados. Localizada na Praça do Trabalhador desde 1995, a Feira Hippie atrai milhares de visitantes a cada semana, contribuindo de forma significativa para a economia de Goiânia (SAGRES ONLINE, 2024; EMPREENDER EM GOIÁS, 2024). O impacto dessa feira na economia local foi ampliado pela proximidade com a Rua 44, região que se transformou em um grande centro atacadista e varejista de moda. Atualmente, a Rua 44 conta com mais de 15 mil pontos de venda e emprega diretamente cerca de 165 mil pessoas (JORNAL OPÇÃO, 2024; SAGRES ONLINE, 2024).

A Feira da Lua, criada em 1992, foi uma resposta à crescente demanda de comerciantes e consumidores que não encontravam espaço na Feira Hippie. Localizada na Praça Tamandaré, a Feira da Lua rapidamente se tornou um dos principais pontos de encontro da cidade aos sábados, com mais de 1.110 bancas oferecendo desde roupas até produtos gastronômicos. A feira gera cerca de 2.500 empregos diretos e indiretos e, recentemente, foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial do município de Goiânia (MAIS GOIÁS, 2024; A REDAÇÃO, 2023).

Essas feiras, ao longo dos anos, se integraram à economia da cidade e impulsionaram o crescimento da Rua 44, um polo atacadista que hoje é conhecido como o maior centro de confecção do estado de Goiás, e garante ao estado a posição de 6º lugar como estado produtor de vestuário segundo dados da FIEG.

Figura 1 — Relação de empresas e empregos por estado

UF	Fabricação de Produtos Têxteis		Confecção de Atigos do Vestuário e Acessórios		Preparação de Couros e Fabricação de Artefatos de Couro, Artigos para Viagem e Calçados		Total	
	EMPRESAS	EMPREGO	EMPRESAS	EMPREGO	EMPRESAS	EMPREGO	EMPRESAS	EMPREGO
1º São Paulo	3.021	87.855	11.841	130.555	2.919	46.449	17.781	264.859
2º Santa Catarina	1.827	57.457	7.215	102.134	394	8.585	9.436	168.176
3º Minas Gerais	1.135	25.737	6.090	60.337	1.824	34.633	9.049	120.707
4º Rio Grande do Sul	564	8.321	2.407	20.040	3.113	101.823	6.084	130.184
5º Paraná	735	13.173	3.990	51.668	351	7.285	5.076	72.126
6º Goiás	358	2.923	2.906	20.274	288	4.474	3.552	27.671
7º Rio de Janeiro	341	6.045	3.051	39.365	149	2.132	3.541	47.542
8º Ceará	262	12.990	2.528	42.345	387	58.631	3.177	119.966
9º Pernambuco	317	5.823	2.161	18.556	109	2.124	2.587	26.503
10º Bahia	294	7.816	984	10.783	283	29.689	1.561	48.288
11º Espírito Santo	129	1.149	853	10.424	58	1.486	1.040	13.059
12º Rio Grande do Norte	152	4.539	456	14.652	28	214	636	19.405
13º Paraíba	147	7.785	280	3.603	139	15.042	566	26.430
14º Mato Grosso	119	1.770	238	1.671	45	1.643	402	5.084
15º Mato Grosso do Sul	70	1.730	258	3.531	55	3.324	383	8.585
16º Piauí	26	95	314	3.086	36	295	376	3.476
17º Distrito Federal	57	164	265	1.258	17	96	339	1.518
18º Sergipe	156	3.678	148	1.812	26	3.952	330	9.442
19º Pará	45	1.675	189	1.097	31	1.213	265	3.985
20º Maranhão	37	193	195	1.087	18	815	250	2.095
21º Alagoas	25	110	168	797	17	131	210	1.038
22º Rondônia	20	62	141	1.024	16	783	177	1.869
23º Tocantins	12	79	80	379	11	352	103	810
24º Amazonas	20	806	58	761	7	148	85	1.715
25º Amapá	6	34	32	78	-	-	38	112
26º Acre	2	8	31	168	3	118	36	294
27º Roraima	7	38	22	127	-	-	29	165
TOTAL BRASIL	9.884	252.055	46.901	541.612	10.324	325.437	67.109	1.125.104

Fonte: Federação das Indústrias do Estado de Goiás (2018, p. 5)..

A produção de moda e confecção no estado de Goiás está subdividida em várias regiões produtoras, com destaque para Goiânia e sua região metropolitana, que se consolida como o maior polo de confecção do estado. Goiânia, junto com Aparecida de Goiânia, é ainda um polo produtivo conectado. Na prática, essas duas cidades funcionam como uma só, considerando a ausência de uma divisão física ou fronteira clara entre elas. Essa realidade reflete o cotidiano dos moradores e trabalhadores, onde ambas as cidades se mesclam.

Figura 2 — Distribuição geográfica da produção têxtil do Goiás

UF	Fabricação de Produtos Têxteis		Confecções de Artigos do Vestuário e Acessórios		Preparação de Couros e Fabricação de Fabricação de Artefatos de Couros, Artigos para Viagem e Calçados		Fabricação de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal		Total (sem cosméticos)		Total (com cosméticos)	
	empresas	emprego	empresas	emprego	empresas	emprego	empresas	emprego	empresas	emprego	empresas	emprego
1ª Goiânia	155	905	1.469	7.527	169	828	27	269	1.793	9.260	1.820	9.529
2ª Aparecida de Goiânia	26	241	165	1.882	12	89	38	1.310	203	2.212	241	3.522
3ª Jaraguá	7	74	228	1.482	2	8	-	-	237	1.564	237	1.564
4ª Anápolis	35	297	103	715	12	69	8	399	150	1.081	158	1.480
5ª Inhumas	51	675	55	291	9	103	-	-	115	1.069	115	1.069
TOTAL 5 MUNICÍPIOS	274	2.192	2.020	11.897	204	1.097	73	1.978	2.498	15.186	2.571	17.164
Total GOIÁS	358	2.923	2.906	20.274	288	4.474	95	3.618	3.552	27.671	2.647	31.289
Part.(%) municípios/GO	77%	75%	70%	59%	71%	25%	77%	55%	70%	55%	70%	55%

Fonte: Federação das Indústrias do Estado de Goiás (2018, p. 5).

O impacto econômico da Rua 44 é inegável, mas há uma discrepância notável entre os números oficiais de empregos formais e informais. Segundo a Associação Empresarial da Região da 44 (AER44), a área emprega diretamente 165 mil trabalhadores, mas dados da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG) apontam que apenas 20.274 desses empregos estão formalmente registrados no setor de confecção em todo o estado (FASHION UNITED, ASN GOIÁS, DIA ONLINE, 2024). Isso significa que apenas 12,29%² dos trabalhadores estão formalizados, enquanto aproximadamente 87,71% operam na informalidade. Essa elevada taxa de informalidade torna a maior parte dos trabalhadores invisíveis aos dados oficiais e as políticas públicas.

²A conta de 12,29% foi feita considerando os dados de 165.000 empregos relatados pela Associação Empresarial da Região da 44 (AER44), que apontam para o número total de pessoas que trabalham direta ou indiretamente no setor de confecção na região. Quando comparados aos 20.274 trabalhadores formais registrados pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG), esse percentual reflete a proporção de trabalhadores que estão formalmente registrados. Isso significa que, aproximadamente, 12,29% dos trabalhadores do setor são formalizados, enquanto 87,71% dos trabalhadores operam na informalidade.

A predominância feminina no setor de confecção é clara: 77,9% da força de trabalho são mulheres, segundo a PNAD de 2015 (IBGE, 2015). Essas mulheres, muitas vezes com pouca escolaridade e opções limitadas no mercado de trabalho formal, veem na confecção uma oportunidade de sustento. No entanto, a informalidade prevalece e empurra essas trabalhadoras para condições de vulnerabilidade. Grande parte dessas mulheres tem entre 20 e 35 anos, embora a faixa etária seja diversificada, incluindo mulheres mais velhas. O nível educacional baixo, com muitas possuindo apenas o ensino fundamental ou médio incompleto, as coloca em uma posição de desvantagem no mercado formal, perpetuando um ciclo de precarização que se estende às suas filhas, que muitas vezes seguem os mesmos passos profissionais (SILVA, 2017). A pesquisa da FIEG (2015) revela que 56,2% dos trabalhadores do setor de confecção em Goiás não possuem vínculo empregatício formal, e em facções menores, esse número pode chegar a 70%, de acordo com Silva (2017). Além disso, a divisão sexual do trabalho é evidente: enquanto as mulheres se concentram nas funções de costura e acabamento, os homens ocupam cargos relacionados ao corte e à estamparia, funções que exigem mais tecnologia e são consideradas de maior valor agregado (SILVA, 2017).

A alta informalidade no setor está diretamente relacionada à precarização das condições de trabalho. Como argumenta Jan Breman (2013), a informalidade não é uma ausência de regulação, mas um mecanismo que o capitalismo utiliza para reduzir custos e minimizar responsabilidades sociais e legais. Essa estratégia, descrita por Breman como "proletarização sem formalização", resulta em uma forma intensificada de exploração, na qual os trabalhadores são incorporados ao processo produtivo sem garantias formais de direitos.

Essa dinâmica é particularmente visível nas facções de costura, onde as trabalhadoras, muitas vezes, operam com jornadas longas de até 12 horas, em troca de remunerações insuficientes para garantir uma vida digna (SILVA, 2017). A falta de regulamentação e fiscalização impede que as condições de trabalho melhorem, a discrepância entre os dados oficiais e os números apresentados pela AER44 revela um cenário no qual a maioria dos trabalhadores está excluída dos benefícios e proteções garantidos pela formalidade e a predominância feminina no setor de confecção, somada à informalidade, expõe essas mulheres a um ciclo contínuo de vulnerabilidade.

2.2 PROFISSIONAIS E PROCESSOS PRODUTIVOS

O processo de fabricação de uma peça de roupa envolve várias etapas distintas. São quatro fases principais, conforme descrito abaixo:

1. Idealização: A primeira fase é marcada pela concepção e desenvolvimento da peça, abrangendo desde a escolha dos materiais até a definição do design. Essa etapa é conduzida por profissionais especializados, como estilistas e designers, que trabalham sob a supervisão direta do dono da marca. A idealização é uma fase criativa e exclusiva, caracterizando-se por não ser terceirizada.

2. Preparação: Na segunda etapa, ocorre a preparação dos materiais e insumos necessários para a produção. Inclui a seleção e o corte dos tecidos, bem como a organização dos elementos que compõem a peça. Essa fase pode ser realizada por equipes terceirizadas e segue uma lógica de produção em massa, com foco em eficiência.

3. Montagem: A terceira fase corresponde à montagem das peças, quando o produto começa a ganhar forma. As partes cortadas são unidas, e os detalhes são incorporados. Em geral, essa etapa também é terceirizada e executada em oficinas de costura, conhecidas como facções, que possuem expertise na montagem e costura de roupas.

4. Acabamento: A última etapa envolve o acabamento das peças, garantindo que estejam prontas para serem comercializadas. São realizados processos como costuras finais, revisão de qualidade, retirada de linhas soltas e ajustes necessários. O acabamento é uma fase crucial para assegurar que a peça final tenha um bom aspecto visual e qualidade superior.

Cada uma dessas etapas é essencial para garantir que o produto final atenda às expectativas de design, qualidade e funcionalidade. É importante ressaltar que, dependendo do porte da empresa e do tipo de produto a ser produzido, essas etapas podem variar em complexidade e organização.

Minha atuação profissional no campo pesquisado está fortemente relacionada à primeira etapa, a idealização. Nesse estágio, sou responsável por tomar decisões cruciais sobre quais modelos de roupas serão fabricados, selecionar os tecidos a serem utilizados e definir os profissionais que participarão da produção de cada peça. Além disso, também realizo as negociações e estabeleço os preços pagos a cada elo da cadeia produtiva. Essa função combina planejamento estratégico e administração, posicionando-me como o elo central que conecta todas as outras etapas do processo, garantindo sua integração e eficiência.

Embora minha pesquisa tenha tido como foco principal compreender as condições de trabalho das costureiras no setor produtivo, ela foi estruturada para obter uma visão ampla de toda a cadeia de produção. Durante o trabalho de campo, dediquei-me intensamente a estudar as vivências dessas trabalhadoras, mas com a preocupação de não apenas entender o trabalho delas, mas também explorar como o funcionamento de toda a cadeia produtiva está interligado.

A pesquisa foi conduzida utilizando conversas não estruturadas com pelo menos uma pessoa de cada etapa do processo de produção. O objetivo dessas interações era compreender as funções desempenhadas, as remunerações, as dificuldades enfrentadas e os principais pontos que caracterizam o trabalho de cada profissional. Essas conversas ocorreram ao longo de 12 meses, período em que o trabalho foi planejado e desenvolvido. Elas se deram de forma gradual, conforme os temas surgiam e se tornavam relevantes, tornando-se mais intensas nos meses finais, quando a escrita do trabalho começou a tomar forma.

Como já mencionado, o foco principal da pesquisa foi o trabalho das costureiras em facções formais e informais. Esse segmento recebeu maior atenção e envolveu uma interação mais aprofundada. Mais de 40 costureiras, distribuídas em cinco facções diferentes, participaram de algum modo deste trabalho. Além disso, uma entrevista extensa e detalhada com Miriella, uma costureira experiente, trouxe questões valiosas e ajudou a aprofundar a análise.

Paralelamente, também houve um esforço para incluir outros profissionais com quem mantenho contato devido à minha atuação profissional. Essa perspectiva ampliada foi essencial para entender o setor como um sistema integrado. Para tanto, utilizei uma abordagem antropológica que combinava observação participante e

conversas informais, buscando captar as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que atravessam todas as etapas da cadeia produtiva.

2.3 FASE I - IDEALIZAÇÃO DO PRODUTO

A primeira etapa do processo de produção de roupas desempenha um papel crucial na criação de produtos que não apenas atendem aos padrões de qualidade, mas também expressam a identidade e o conceito de uma marca. É nessa fase que o design da peça é pensado, os materiais são escolhidos e as bases para a criação do produto final são estabelecidas. Essa etapa envolve um trabalho de pesquisa, criatividade e planejamento estratégico, sendo conduzida por profissionais altamente qualificados e especializados, capazes de transformar ideias em produtos tangíveis. Além disso, a idealização dos produtos também considera sua viabilidade comercial, garantindo que as peças não apenas tenham um bom design, mas também despertem o desejo do consumidor e atendam às expectativas do mercado. Assim, o processo de idealização busca equilibrar a originalidade e a estética das criações com a atratividade para o público-alvo, assegurando que o produto final tenha potencial para se destacar e ser vendido com sucesso.

O processo de concepção de uma coleção de roupas geralmente começa com a análise do desempenho das coleções anteriores, identificando quais peças tiveram melhor aceitação e se destacaram em termos de vendas. A partir desse levantamento, são definidas diretrizes para a nova coleção, como o conceito e a elaboração de um briefing criativo, que orientam todo o desenvolvimento das peças. Essas informações iniciais servem de base para que os profissionais envolvidos desenvolvam os primeiros esboços e, posteriormente, definam os detalhes técnicos necessários para a produção. Embora tenha um caráter criativo, essa fase também requer um olhar analítico e técnico para assegurar que as criações possam ser viabilizadas de forma eficiente, atendendo tanto ao conceito estético quanto às exigências do mercado.

A participação dos profissionais na concepção de uma coleção varia conforme o porte da empresa. Em marcas maiores, cada função é desempenhada por um especialista, como designers, modelistas e estilistas. No entanto, em empresas menores, é comum que uma única pessoa assuma várias dessas funções,

acumulando as responsabilidades de pesquisa, desenvolvimento de esboços, escolha de materiais e ajustes técnicos, o que exige um conhecimento abrangente e versátil de todas as etapas do processo.

Abaixo, são apresentados os principais profissionais que participam dessa fase:

- Designer de Moda e estilista -

O designer de moda é o principal responsável pela criação das peças, desde a concepção do conceito até o desenvolvimento de modelos e desenhos técnicos. Com conhecimento em tendências, tecidos, modelagens e técnicas de construção, cabe a ele transformar ideias e inspirações em produtos que correspondam ao perfil e à proposta da marca, considerando o público-alvo e as demandas do mercado. Já o estilista, que muitas vezes desempenha a mesma função do designer ou pode atuar como um profissional separado, concentra-se em definir detalhes mais específicos das peças, como a escolha de aviamentos, tipos de zíperes, elásticos, botões e outros acabamentos. Seja o mesmo profissional ou dois diferentes, tem a função de garantir que a peça final não só atenda aos requisitos estéticos, mas também seja viável para produção em larga escala.

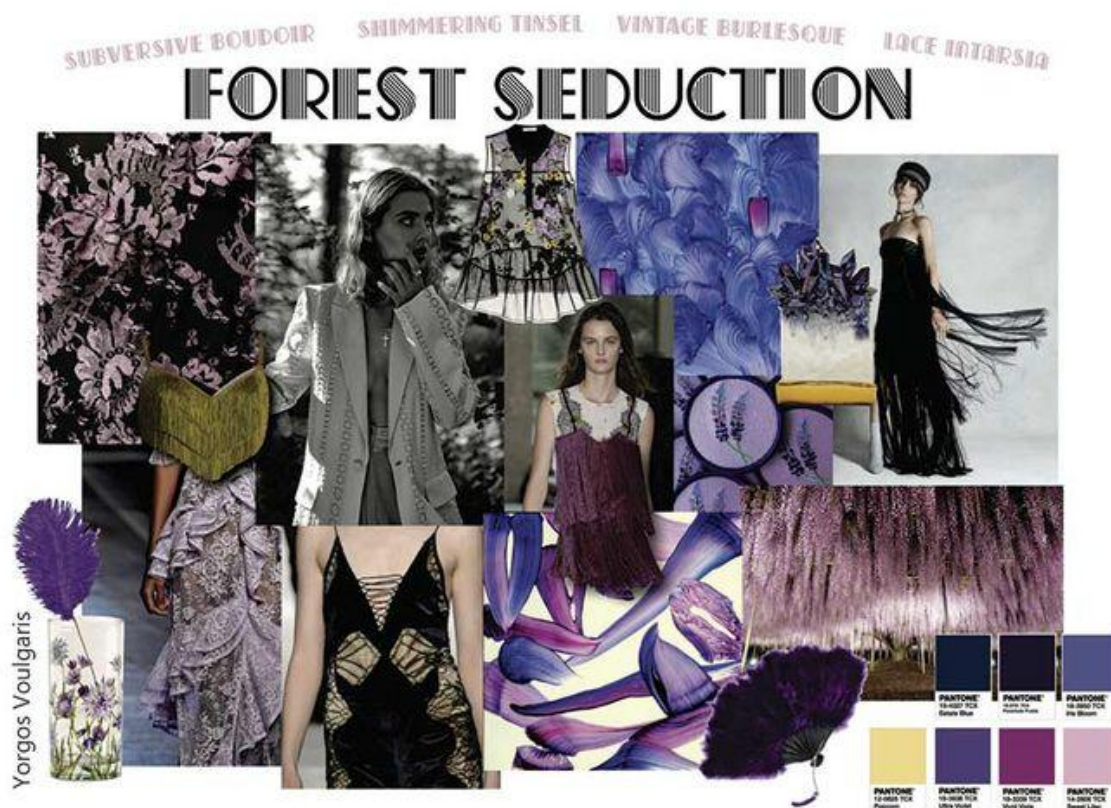
Principais funções práticas

- Pesquisa de tendências, modelos, materiais, cores e formas.
- Criação de croquis e desenhos técnicos.
- Seleção de materiais e aviamentos.

O designer realiza pesquisas, cria conceitos e traduz essas ideias em peças que expressam a identidade da marca. Para ilustrar as fases iniciais do desenvolvimento visual de uma coleção, destacam-se dois elementos representativos:

A primeira imagem mostra um *moodboard*, um painel que reúne referências visuais, como paletas de cores, texturas, tecidos e imagens inspiracionais, sintetizando o conceito da coleção. O moodboard serve como uma base para direcionar o processo criativo.

Imagem 1 — Moodboard - quadro de ideias que guia o desenvolvimento da coleção



Fonte: Zanotti.

A segunda imagem apresenta um croqui ao lado de um desenho técnico. O croqui é uma representação estilizada da peça, destacando a forma e o caimento no corpo. Já o desenho técnico detalha os aspectos estruturais do modelo, como costuras, medidas e acabamentos.

Desenho 1 — Ilustração de moda - croqui e desenho técnico



Fonte: Molde.me.

Esses elementos visuais ajudam a mostrar a ideia e o estilo da coleção, tornando mais fácil para toda a equipe entender os detalhes técnicos e estéticos durante o desenvolvimento e a produção. Após essa fase de criação, o processo segue para a próxima etapa: a modelagem, onde os moldes das peças são desenvolvidos para garantir um bom caimento e proporção no corpo.

- Modelista-

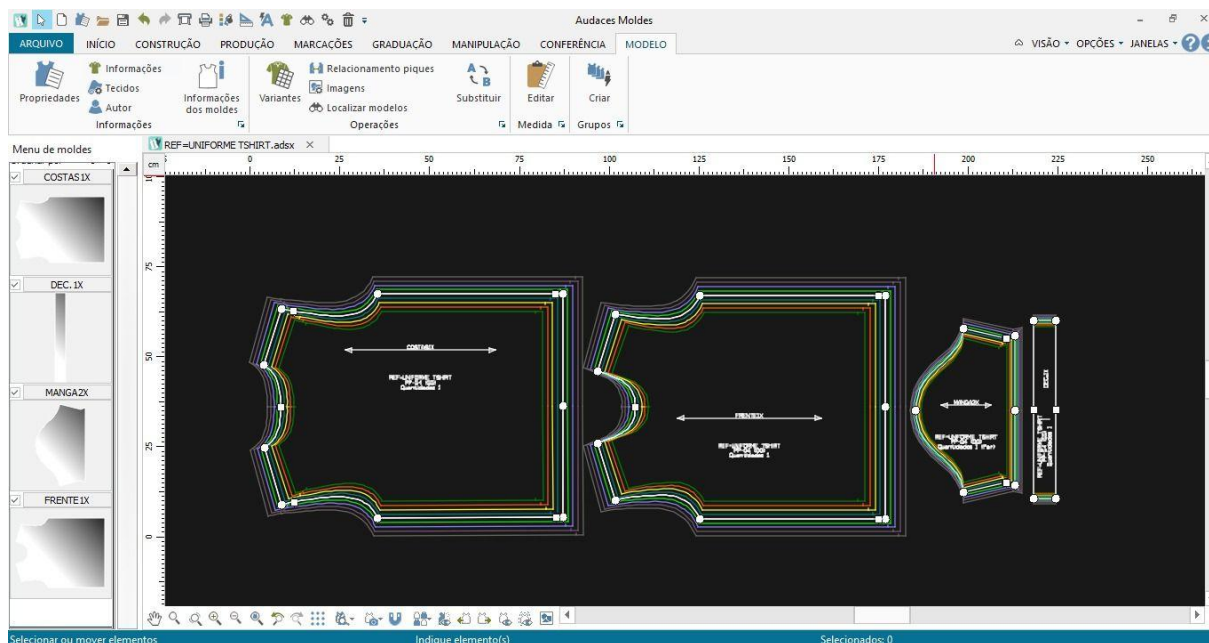
O modelista é o profissional responsável por transformar o desenho criativo em um molde, ajustando-o para que tenha um bom caimento e proporções corretas. Durante a fase de concepção, o modelista trabalha junto com o designer para garantir que as criações possam ser reproduzidas com precisão no corte e na costura, além de assegurar que a modelagem seja tecnicamente viável para a produção em escala.

Principais funções práticas

- Desenvolvimento de moldes a partir dos croquis e desenhos técnicos.
- Ajustes nos moldes para garantir o caimento desejado.
- Graduação para os tamanhos
- Análise técnica para avaliar a viabilidade de produção.
- Criação de moldes-piloto e testes de modelagem.

A imagem abaixo é uma captura de tela do software Audaces, mais utilizado por modelistas para criar e ajustar moldes. Ela mostra a modelagem de uma camiseta básica, com suas graduações. Cada linha representa um tamanho diferente, indo do menor para o maior, de acordo com o seguinte padrão: as linhas mais internas correspondem aos tamanhos menores, enquanto as mais externas indicam os tamanhos maiores. Essa visualização facilita o ajuste preciso das proporções para cada tamanho, garantindo um bom caimento e consistência em toda a grade de tamanhos da peça.

Imagem 2 — Captura de tela do software Audaces.



Fonte: Sarah Nafe (2024).

Após a finalização do molde, o modelo impresso é normalmente encaminhado ao pilotista, acompanhado do tecido e aviamentos escolhidos para a produção

- Pilotista

Uma espécie de costureiro de prova, um profissional com bastante conhecimento de costura que é o responsável por montar as peças-piloto a partir dos moldes desenvolvidos pelo modelista. Ele constrói amostras das peças para avaliar o caimento, as proporções e o tipo de acabamento escolhido. A peça-piloto serve como referência para a avaliação final do produto antes de iniciar a produção em larga escala, garantindo que o resultado final atenda às expectativas de qualidade e design.

Principais funções práticas

- Montagem e costura das peças-piloto.
- Avaliação e ajustes necessários na confecção.

Essas três etapas — design, modelagem e pilotagem — costumam trabalhar de forma integrada. Quando são necessários ajustes em uma peça já pilotada, ela retorna para o designer ou modelista, que reavaliam o modelo e, se necessário, desenvolvem novas soluções para corrigir qualquer falha e assegurar que o produto final esteja apropriado para o mercado.

- Coordenador de Produto

O coordenador de produto atua como o elo de ligação entre a equipe de concepção e a equipe de produção. Ele é responsável por planejar e organizar todas as etapas de produção, desde a compra de materiais até o acompanhamento das provas de roupa e aprovação das peças-piloto. É também o responsável por monitorar a produção, prazos e custos, assegurando que a coleção seja desenvolvida e produzida conforme o planejamento da marca.

Principais funções práticas

- Planejamento e coordenação desenvolvimento e produção.
- Gestão de prazos e custos da produção.
- Acompanhamento a produção.
- Elo entre as equipes criativa e produtiva.

A fase de concepção se distingue das demais por seu caráter criativo e não repetitivo. Enquanto as etapas subsequentes, como preparação, montagem e acabamento, seguem uma lógica de produção em massa, a concepção envolve o desenvolvimento do conceito e da identidade do produto, que será posteriormente reproduzido em larga escala. Por isso, essa etapa demanda um maior envolvimento dos profissionais criativos, já que é nela que o produto começa a ganhar forma e expressão. Além disso, é comum que os profissionais envolvidos nessa fase sejam os mais bem remunerados de toda a cadeia de produção, dada a complexidade e o nível de especialização exigido para a criação de peças.

No entanto, em empresas de pequeno e médio porte, é comum que essa parte do desenvolvimento de produto não seja tão subdividida quanto nas grandes corporações. Muitas vezes, as funções de idealização, criação e planejamento estratégico são concentradas em uma única pessoa ou em uma pequena equipe. Esse é o meu caso profissional: além de realizar a idealização do produto, sou responsável pela administração de toda a cadeia produtiva, integrando as etapas e garantindo o funcionamento contínuo do processo.

Essa realidade demonstra que, embora a cadeia produtiva de moda possa ser organizada de maneira fragmentada em contextos de maior escala, ela também pode operar de forma menos compartimentada, dependendo da estrutura e do porte da empresa. Essa abordagem mais integrada exige do profissional um amplo entendimento de todas as etapas da cadeia produtiva e uma capacidade de adaptação constante. Por isso, entender o funcionamento completo da cadeia é tão relevante, pois ela não segue necessariamente uma estrutura padronizada e linear em todos os contextos.

2.4 FASE II - PREPARAÇÃO DA PEÇA: CORTE E BENEFICIAMENTO

Na segunda etapa do processo produtivo de roupas, há uma transição da fase criativa para uma lógica mais industrial, o que acarreta mudanças significativas nas condições de trabalho. Nesse estágio, especialmente em Goiânia, predomina a terceirização da mão de obra, que se tornou uma característica central do modelo produtivo adotado. A terceirização visa a redução de custos e o aumento da eficiência,

o que significa que normalmente cada etapa do processo seja normalmente executada por um prestador de serviço diferente. Esse modelo exige que o coordenador de produto atue de forma estratégica, organizando toda a logística e integração das diferentes etapas produtivas para garantir que o fluxo de trabalho ocorra. O corte geralmente envolve dois tipos de profissionais, o encarregado de corte e o cortador;

- Encarregado de Corte

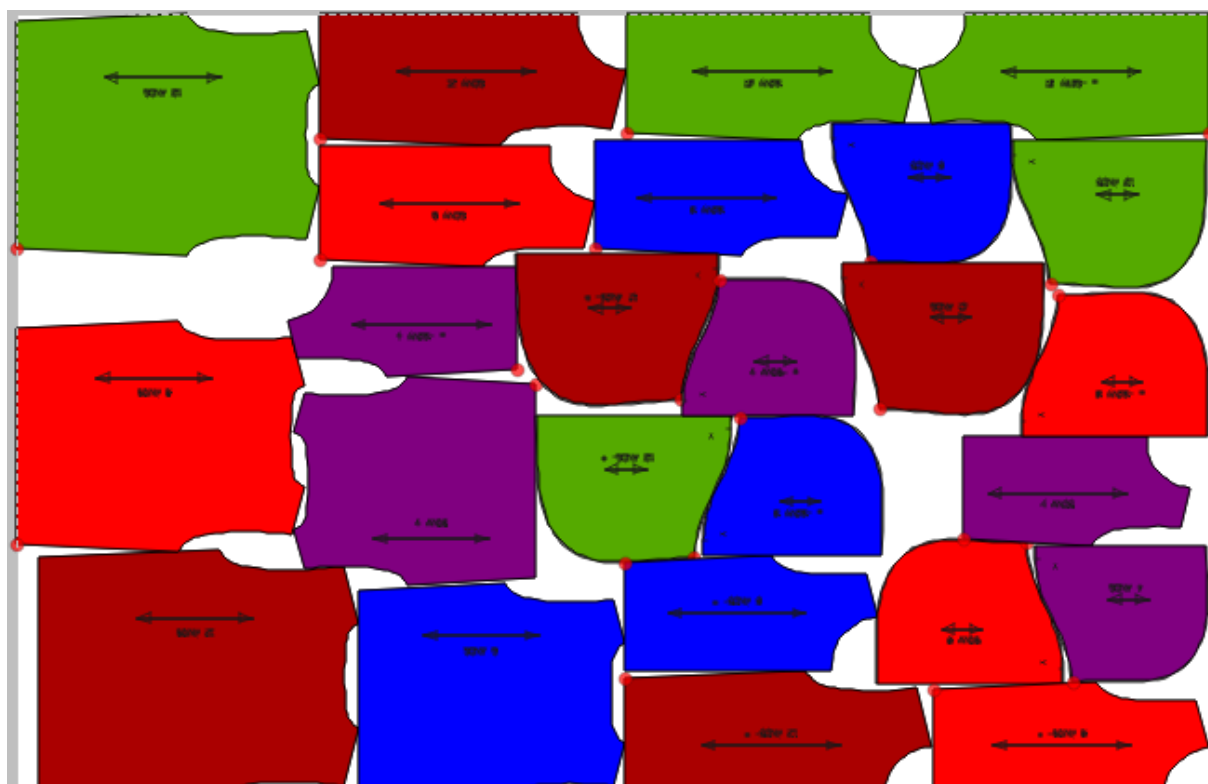
Profissional responsável por coordenar e supervisionar todas as atividades relacionadas ao corte dos tecidos, garantindo que os moldes sejam cortados com precisão e que o material seja aproveitado de forma eficiente. Ele atua como um elo de ligação entre a modelagem e a costura, assegurando que o corte siga rigorosamente as especificações técnicas e o planejamento de produção.

Principais funções práticas:

- Preparação do tecido: receber a ordem de serviço do corte, separar o tecido e se necessário, fazer descanso do tecido³.
- Matriz de encaixe: Organizar os moldes usando programa que faz encaixe
- Impressão de matriz: Imprimir papel com os formatos a serem cortados, usando plotter

³Descansar o tecido significa deixá-lo repousar por um período (normalmente de 12 a 24 horas) para que ele estabilize e libere qualquer tensão acumulada durante o processo de fabricação e transporte em rolo. Durante esse período, o tecido se ajusta naturalmente, recuperando seu formato original e permitindo que eventuais distorções e encolhimentos sejam eliminados. Esse procedimento é especialmente necessário em tecidos de malha, particularmente aqueles que contêm elastano, pois esses materiais tendem a apresentar mais deformações devido à elasticidade e à forma como são enrolados durante o processo de fabricação. Descansar o tecido garante melhor qualidade, caimento e precisão no corte e na costura das peças, evitando problema que possam surgir durante a montagem e interferir na modelagem.

Figura 3 — Matriz de corte



Fonte: Sarah Nafe, software Audaces (2024).

Fotografia 1 — Plotter Audaces modelo JetLux



Fonte: Imagem do catálogo de equipamentos Audaces (2024).

As imagens acima ilustram o trabalho de um encarregado de corte, que deve ter um certo nível de conhecimento técnico para a preparação e encaixe dos moldes até a supervisão do corte e o controle de qualidade. Em empresas de corte, esse profissional também lida com a organização do fluxo de trabalho. Essa função de organizar e supervisionar normalmente feita pelo proprietário da empresa.

- Cortador de Roupas

O cortador de roupas é um profissional responsável por executar o corte dos tecidos conforme as especificações dos moldes fornecidos pela equipe de modelagem. Sua função abrange mais do que apenas o ato de cortar o tecido; ele também é responsável pela preparação do tecido, garantindo que esteja corretamente posicionado e alinhado, e pela separação das peças cortadas de acordo com o padrão de produção. Além disso, o cortador organiza e embala as peças para que sejam

encaminhadas para a próxima etapa do processo produtivo. Seja ela a costura, o acabamento ou o envio para fábricas terceirizadas.

Principais funções práticas:

- Enfestar o tecido: O cortador começa o processo posicionando e alinhando as camadas de tecido na mesa de corte, em um procedimento conhecido como enfesto, sobreposição de camadas de tecido, formando um bloco uniforme, para otimizar o corte.

- Corte das peças: Após o enfesto, o cortador posiciona acima a matriz, papel que vai guiar o corte. e com máquinas de corte elétrica corta o tecido de acordo com os moldes. A precisão do corte é fundamental para garantir que as peças encaixem corretamente na etapa de montagem, evitando erros e deformações.

- Separação das peças: O cortador organiza as peças cortadas, separando-as por tamanhos e modelos, de acordo com as especificações do pedido. Esse passo facilita o trabalho das próximas etapas, já que nessa fase as peças ainda não possuem etiquetas de numeração. Essa organização é essencial para assegurar que os tamanhos não se misturem.

- Embalagem para envio: Por fim, o cortador embala as peças cortadas de forma organizada, geralmente uma peça de roupa envolve cortes de diferentes tecidos e componentes, como forros e entretelas. O cortador deve agrupar essas partes antes do envio.

Na imagem a seguir, é possível observar o processo de enfesto, que consiste na sobreposição de camadas de tecido, formando um bloco uniforme a ser cortado. Sobre o tecido, é colocado o papel com a matriz, que serve como guia para o corte das peças de acordo com o molde definido. Também está presente na imagem uma máquina de corte equipada com uma faca elétrica exposta, que é bastante perigosa e requer muita atenção no manuseio.

Fotografia 2 — Enfesto de tecido e máquina de corte



Fonte: Sarah Nafe (2024).

Apesar dos riscos envolvidos, a grande maioria dos cortadores na indústria de vestuário não utiliza os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) recomendados, como luvas e óculos de proteção. A ausência do uso desses equipamentos, em especial a luva de metal, destinada a proteger as mãos contra cortes profundos, eleva a incidência de acidentes de trabalho, uma vez que a lâmina exposta da máquina de corte pode causar ferimentos graves. Embora seja amplamente conhecido que, em teoria, todos deveriam fazer uso dos EPIs, os cortadores afirmam que o desconforto proporcionado pelo equipamento, que se assemelha às luvas usadas por açougueiros, dificulta o trabalho, alegando que as luvas aumentam a sensação térmica em um ambiente já excessivamente quente e comprometem a precisão dos movimentos. Essas justificativas, no entanto, não diminuem a percepção dos riscos, e muitos profissionais possuem histórias de acidentes, envolvendo a si próprios ou colegas, que evidenciam a existência do risco de ferimentos.

Fotografia 3 — Galpão de corte de tecido terceirizado



Fonte: Sarah Nafe (2024).

Em função do manuseio de tecidos pesados, a maioria dos trabalhadores na etapa de corte são homens, recebendo remuneração baseada no número de peças cortadas, ou seja, por produção. Esse modelo de pagamento incentiva um ritmo de trabalho mais intenso e ágil, se comparado aos trabalhadores que recebem salário fixo. Conforme relatam, é possível dobrar a produção quando há uma motivação financeira. No entanto, mesmo diante desse incentivo, a principal queixa dos cortadores, é em relação as condições de trabalho, especialmente em relação ao calor e também à quantidade de poeira acumulada, pois no momento do corte sobe muito pó do tecido, tornando o ambiente desconfortável.

Uma outra etapa de corte existente é a de viés, uma técnica bastante utilizada na produção de roupas, especialmente para acabamentos, golas e cavas. O corte do viés é feito com uma máquina específica, que corta o tecido em tiras finas. Em muitos casos, o viés é cortado internamente, como parte do setor de corte, mas também pode ser um serviço terceirizado, realizado por profissionais especializados exclusivamente nesse tipo de corte.

Figura 4 — Corte de viés



Fonte: Sarah Nafe (2024).

Após o corte do tecido principal, forro, entretela e viés as partes são organizadas e encaminhadas para a próxima etapa de produção, que pode variar dependendo do tipo de roupa e do processo produtivo definido pela empresa. As peças cortadas podem seguir diretamente para a facção de costura ou passar por etapas de beneficiamento, como bordado ou estamparia, antes de serem montadas. O cortador, nesse caso, é instruído sobre quais partes do corte devem ser enviadas para beneficiamento e realiza a separação conforme necessário.

Por exemplo, no caso de uma camiseta que tenha uma estampa na parte da frente, o cortador separa a parte frontal para ser enviada à estamparia, enquanto as costas e as mangas são embaladas e enviadas diretamente à facção de costura. Esse processo de separação e organização é fundamental para evitar manuseios desnecessários e garantir que cada parte siga corretamente para a etapa de produção.

- Personalização

Etapa adicional no processo produtivo de roupas que agrega valor e diferenciação às peças por meio de técnicas como bordado e estamparia. Essas técnicas são aplicadas após o corte das peças e antes da montagem e têm como objetivo personalizar e valorizar o design, tornando os produtos mais atraentes para o mercado. Há várias formas de personalizar uma peça, sendo bordado e estamparia as principais

- Bordado: técnica que utiliza fios de diferentes cores e texturas para criar desenhos e padrões na peça. Ele pode ser realizado de forma manual ou por meio de máquinas automatizadas, dependendo da complexidade do desenho e da quantidade de produção.

Fotografia 4 — Máquina de bordado



Fonte: Universo do bordado.

- Estamparia por DTF (Direct to Film)

A técnica de personalização DTF (Direct to Film) consiste na impressão de uma imagem em um filme especial, que é posteriormente transferido para o tecido com o auxílio de uma prensa térmica. Diferente de outros métodos de estamparia, a DTF oferece excelente qualidade de impressão, com cores vibrantes e alta durabilidade, e pela sua composição química é bastante indicado para tecidos com alto nível de elasticidade, como lycra e malhas com elastano.

Essa técnica permite que a estampa mantenha a integridade mesmo em tecidos que sofrem esticamento constante, garantindo que a imagem não rache ou desbote com o tempo. Além disso, por sua versatilidade e capacidade de reproduzir detalhes complexos, o DTF tem se tornado popular para pequenas produções, onde há a necessidade de variar frequentemente as estampas sem grandes limitações de quantidade mínima, o método também pode ser aplicado depois da peça costurada.

Fotografia 5 — Estampa em DTF: Após ser prensada, a estampa é transferida para o tecido e a película plástica removida, deixando apenas a estampa impressa sobre a peça.



Fonte: Cyber3 suprimentos.

-Estamparia por sublimação:

Técnica de estamparia que utiliza calor da prensa térmica para transferir imagens impressas em papel especial para tecidos sintéticos, como poliéster. Durante o processo, a tinta sólida se transforma em gás, penetrando nas fibras do tecido e fixando a estampa de forma permanente. Isso garante que a estampa não desbote e tenha um toque suave e sem relevo. A sublimação é amplamente utilizada em roupas esportivas e uniformes devido à sua durabilidade e capacidade de reproduzir cores vibrantes e detalhes finos. O processo é um dos mais utilizados por ter um preço muito barato, mas tem a limitação de só funciona em tecidos sintéticos.

Fotografia 6 — Processo de sublimação



Fonte: BFnine camisetas.

- Estamparia por serigrafia:

A serigrafia, também conhecida como silk-screen ou silk, é uma técnica de estamparia que utiliza telas para transferir tinta ao tecido. Cada cor é aplicada separadamente, o que torna o processo ideal para estampas com poucas cores e produções em larga escala. Por ser um método versátil, permite a aplicação em diversos tipos de tecido, garantindo alta durabilidade. Apesar de ser uma das técnicas de estamparia mais utilizadas, a serigrafia apresenta algumas limitações. A aplicação de cores de forma individual limita a complexidade dos desenhos, além de encarecer a produção de estampas multicoloridas. No entanto, para estampas com poucas cores e em grandes quantidades, a serigrafia permanece como uma excelente opção devido à sua durabilidade e adaptabilidade a diferentes tipos de tecido.

Fotografia 7 — Processo de serigrafia- a imagem mostra uma tela de pintura com tinta sendo aplicada, a tinta só penetra no local em que a tela tem abertura na trama.



Fonte: Portal sublimático.

-Estamparia a laser:

Utiliza um feixe de luz para marcar ou cortar o tecido, criando efeitos visuais como gravações ou cortes precisos. Esse método é ideal para criar padrões e texturas em tecidos sintéticos e pode ser usado para gerar efeitos de desgaste em tecidos de algodão, técnica muito utilizada em jeans. A precisão do laser permite a reprodução de detalhes finos e complexos, sendo utilizado tanto em peças prontas quanto antes da costura.

Fotografia 8 — Máquina de laser fazendo estampa em jeans



Fonte: Jeanologia na Colombiatex.

Essas diferentes técnicas de estamparia oferecem características variadas e são escolhidas de acordo com o tipo de tecido, a quantidade de produção e o efeito desejado na peça final, garantindo versatilidade e personalização ao mercado de moda e confecção.

2.5 FASE III - MONTAGEM: COSTUREIRA

A terceira e a quarta etapas do processo de produção de roupas são realizadas em facções de costura, pequenas unidades produtivas terceirizadas organizadas para seguir a lógica de produção em massa. Nessa fase, ocorre a montagem das peças, que envolve a união das partes cortadas. As facções concentram a maior parte da mão de obra das etapas de produção.

As costureiras desempenham um papel crucial nessa fase do processo produtivo, atuando na montagem e no acabamento das peças, garantindo que cada item atenda aos padrões de qualidade e design estabelecidos pela marca. Mais do que apenas unir tecidos, as costureiras precisam interpretar moldes, operar diferentes tipos de máquinas e seguir padrões específicos de costura. As operações variam desde o fechamento das laterais e ombros até a aplicação de detalhes como mangas, cós e golas.

Na imagem a seguir, é possível observar uma costureira trabalhando em uma máquina overloque, equipamento utilizado para unir e dar acabamento nas bordas de tecidos, evitando que desfiem. Ao lado, há uma pilha de peças cortadas aguardando para serem costuradas, demonstrando a organização necessária no processo produtivo. As costureiras geralmente trabalham em posições repetitivas e longas jornadas, muitas vezes sem o devido reconhecimento ou condições adequadas de trabalho, especialmente em facções menores e não regulamentadas.

Tabela 1 — Máquinas de costura

Máquina	Característica	Uso	Ilustração
Overloque	Unir e dar acabamento nas bordas dos tecidos	Malha	 3 Linhas
Overloque ponto cadeia	Unir e dar acabamento nas bordas dos tecidos com linha de reforço	Malha e tecido plano	 4 Linhas
Interloque	Unir e dar acabamento nas bordas dos tecidos e uma costura reta em paralelo	Tecido plano que precisa de mais reforço para não desfiar, como jeans e viscose	 5 Linhas
Galoneira	Acabamento na borda dobrada	Barras e acabamentos em malha	
Reta	Costura de detalhe, pesponto, pregar bolsos, etc...	tecidos planos ou com baixa elasticidade	
Travete	Costura de reforço em ponto de tensão da roupa	Usada somente em tecidos resistentes que agüente muito atrito dos pontos sequenciais	
Zig-zag	Costuras decorativa ou reforçada	Ideal para costura "reta" em lingerie e roupas com muita elasticidade	
Botoneira	Prega botões	Faz repetição de pontos em sequencia respeitando o furo dos botões	
Caseadeira	Faz a casa dos botões	linha que se move de um lado para o outro em formato de "U" fechado	
Elastiqueira/ Elasticadeira	1 a 12 agulhas que fazem costuras paralelas, usada para aplicar elástico.	Maquina possui tração que estica o elástico enquanto costura ele no tecido	

Fonte: Sarah Nafe (2024).

Dentro de uma facção, há uma grande variedade de funções e especializações, tornando complexo descrever todas as atividades em detalhes, já que elas podem variar significativamente de acordo com o tipo de peça de roupa produzida e o maquinário disponível. Cada facção adapta suas operações conforme as demandas de produção, o que também influencia o nível de especialização exigido de seus trabalhadores.

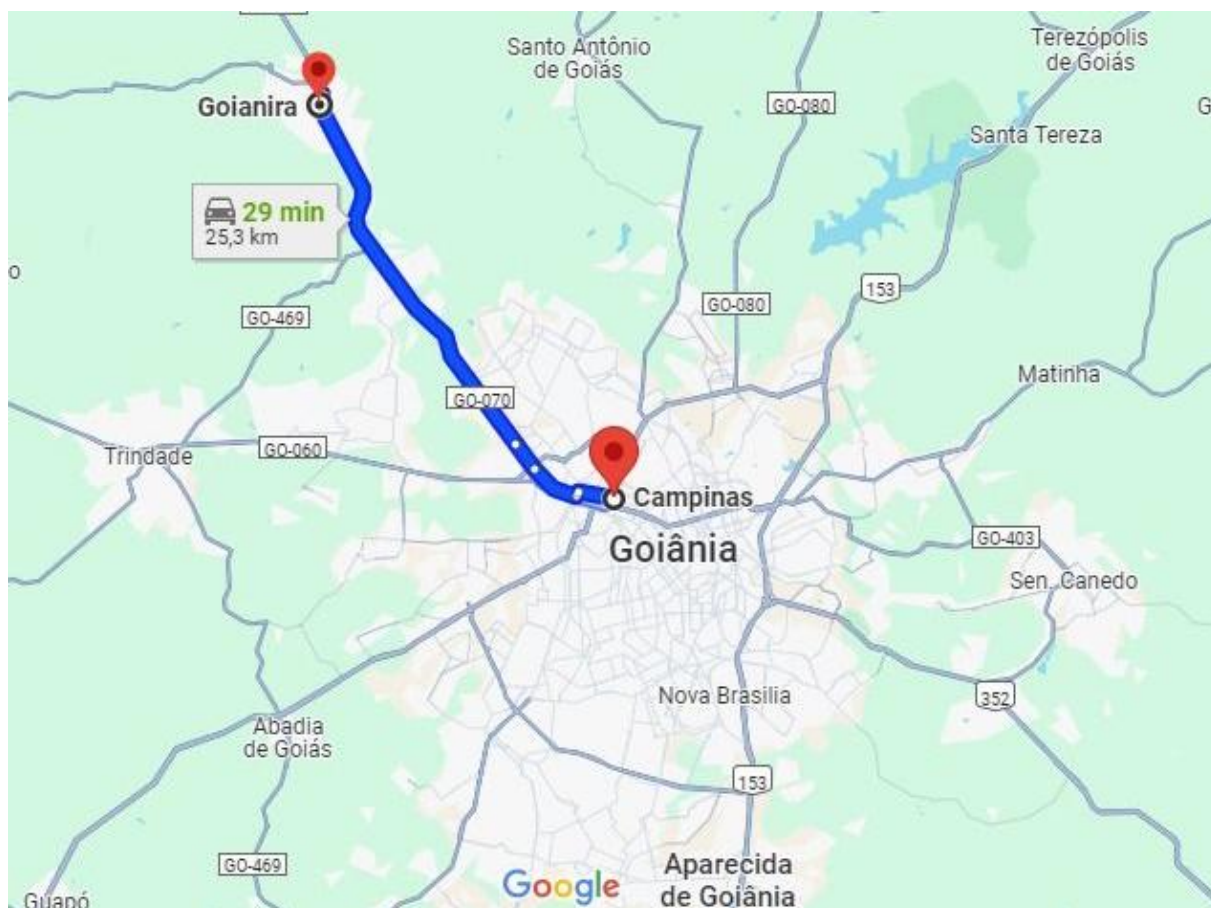
- Ambiente físico das facções informais

Uma facção de costura refere-se a uma unidade produtiva, frequentemente de pequeno porte. A maioria funciona com 3 ou 4 pessoas, mas pode ter até 20, 30 trabalhadores ou mais. As facções não são classificadas pelo tamanho ou pela quantidade de colaboradores; elas se diferenciam das fabricas de confecção pela informalidade, e podem ser chamadas também de "fábrica de fundo de quintal". Trata-se de uma célula onde um grupo de costureiras se reúne para realizar atividades de produção de roupas e outros itens têxteis. Esse modelo de produção é caracterizado por sua informalidade e flexibilidade, permitindo que as costureiras trabalhem em suas próprias casas ou em espaços coletivos com infraestrutura reduzida, utilizando máquinas de costura e equipamentos básicos. As facções de costura operam, em geral, como uma alternativa à produção industrial tradicional, que envolve grandes fábricas com uma extensa linha de montagem e uma estrutura organizacional formal.

Independentemente de seu tamanho, as facções costumam ser instaladas em casas, geralmente localizadas em regiões periféricas, onde há disponibilidade de mão de obra. Nos arredores de Goiânia existem algumas cidades que até recentemente eram consideradas de interior, mas com o crescimento demográfico e a expansão urbana, essas cidades passaram a serem consideradas com parte da região metropolitana de Goiânia. Muitas das costureiras que trabalham em Goiânia vêm dessas regiões periféricas, mas também houve um grande aumento no número de facções instaladas nas cidades ao redor da capital. As principais cidades onde essas facções estão funcionando incluem Goianira, Trindade, Aparecida de Goiânia e Senador Canedo, que são os maiores centros urbanos próximos a Goiânia. A facção da Mirielle aonde a maior parte do trabalho de campo foi feito, está localizada em

Goianira, aproximadamente 25 km de distância da capital, refletindo essa expansão da atividade fabril para as áreas periféricas da região metropolitana.

Imagem 3 — Mapa de distância entre Goiânia e Goianira



Fonte: Google maps, 2024.

A instalação de facções nas regiões periféricas tem se mostrado altamente conveniente, principalmente devido à maior disponibilidade de trabalhadores e ao custo mais acessível do espaço físico. Essas áreas oferecem um ambiente propício para o desenvolvimento de atividades industriais de pequeno porte, como as facções, que se beneficiam tanto da proximidade com a mão de obra quanto dos custos mais baixos em comparação às áreas urbanas centrais.

Normalmente, a dona da facção também reside na mesma casa, o que torna conveniente instalar a facção no próprio espaço residencial. O local mais comum para essa instalação é a garagem, e um dos principais motivos é o calor intenso de Goiânia, que, combinado com o funcionamento das máquinas, torna o ambiente ainda mais

quente. A garagem, por ser ventilada, é um local mais adequado para suportar as altas temperaturas na cidade, que podem chegar a quase 40°C. Além disso, manter a facção fora dos cômodos internos da casa garante uma certa privacidade para os moradores, uma vez que, embora os trabalhadores sejam frequentemente os mesmos, há rotatividade de profissionais. Outro fator importante é a quantidade de resíduo gerado pelo trabalho, como retalhos de tecido e pedaços de linha, que podem ser melhor gerenciados quando a facção está em uma área externa.

Figura 5 — Facção de costura e a disposição do maquinário



Fonte: Sarah Nafe (2024).

O ambiente das facções geralmente apresenta condições inadequadas, tanto em termos de estrutura física quanto de espaço. As instalações elétricas não são ideais, máquinas ligadas com extensões que atravessam de um lado para o outro, muitas vezes os locais têm baixa circulação de ar e os trabalhadores ficam expostos tanto ao calor excessivo quanto a respingos de chuva ou vento a depender do clima, o espaço disponível é muito limitado em relação à quantidade de máquinas. Normalmente, as máquinas são enfileiradas, deixando um pequeno espaço entre elas, deixando o ambiente mais quente.

Figura 6 — Mesma facção da foto anterior, mas já em funcionamento



Fonte: Sarah Nafe (2024).

Além do espaço destinado às máquinas, as áreas de acabamento das roupas nas facções também são inadequadas em termos de estrutura física. Os trabalhadores reclamam da baixa iluminação, o que é bastante importante para visualizar os detalhes das peças com precisão. E há queixas do maquinário antigo, máquinas com motor barulhento que causa dor de cabeça além de incomodar pelo tremor excessivo, as cadeiras muitas vezes são de plástico, que não são apropriadas para longas horas sentadas.

Essa situação reflete uma lógica capitalista de produção, que busca reduzir os custos ao máximo para fabricar as roupas pelo menor preço possível e atender à demanda de consumo que busca por preços mais baixos possíveis, no entanto, essa abordagem gera condições de trabalho que costuma prejudicar a saúde e incomodar as costureiras, e além dessas dificuldades elas também enfrentam bastante sazonalidade na oferta de trabalho que pode inclusive influenciar nas remunerações.

- Remuneração das costureiras

A costura oferece diversas formas de remuneração, cada uma com características próprias que atendem a diferentes perfis de trabalhadoras. As costureiras podem trabalhar fora e receber pelo que produzem, por diária, trabalhando em casa por conta própria ou com salário, com ou sem carteira assinada. Cada modalidade apresenta suas vantagens e desafios, afetando diretamente a remuneração, rotina e a estabilidade financeira dessas profissionais.

- Trabalho formal com Salário, com ou sem Carteira Assinada

O trabalho formal em fábricas de confecção, com carteira assinada, oferece maior segurança e estabilidade financeira, além de direitos trabalhistas como férias remuneradas, 13º salário e benefícios previdenciários. Em Goiás, o piso salarial para costureiras que trabalham em fábricas é de R\$ 1.614,15, e R\$ 1.475,16 para auxiliares de costura, (CONVENÇÃO COLETIVA DE TRABALHO 2024/2025, 2024). Além disso, há um adicional de 50% sobre o valor da hora normal para horas extras realizadas de segunda a sábado, e 100% aos domingos e feriados. No entanto, diversas entrevistas destacam que, embora o trabalho formal ofereça uma base segura, há baixa remuneração e uma forte pressão por produtividade. Supervisores frequentemente exigem que as costureiras mantenham um ritmo acelerado de produção, resultando em um ambiente estressante e desgastante.

Essas profissionais relatam que, o salário fixo, que inclui produtividade já incorporada, é percebido como baixo em comparação aos ganhos que algumas costureiras conseguem obter ao trabalhar por produção ou diárias, especialmente em contextos onde a produção pode ser mais intensa e com menos supervisão direta.

Além disso, o trabalho formal exige disciplina para trabalhar todos os dias e chegar o horário, além de supervisão rigorosa sobre o desempenho.

- Remuneração por Produção

No modelo de pagamento por produção, a remuneração da costureira é diretamente proporcional à quantidade de peças que consegue produzir, seja ela trabalhando em uma facção ou em casa. Embora o local de trabalho possa mudar, o sistema de remuneração permanece o mesmo: elas recebem por etapa do processo de confecção, muitas vezes realizando apenas uma parte da costura. O valor pago por peça é geralmente de alguns centavos por peça, o que faz com que as costureiras precisem produzir um grande volume para alcançar uma remuneração satisfatória.

Nas facções ou trabalhando de forma autônoma em casa, o cenário é semelhante: ambas as formas de trabalho requerem um ritmo acelerado de produção para que o salário final seja razoável. Por exemplo, como discutido na no documentário "pega-se facção"(Mendes, 2021), o "abanhado", processo de fazer barra de calça, é pago a apenas R\$ 0,10, o que reflete a necessidade de alta produção para garantir uma remuneração mínima. O sistema de pagamento por etapa fragmenta o trabalho, mantendo as costureiras sob constante pressão para produzir em grande quantidade.

Embora o ambiente possa mudar, em casa as trabalhadoras têm mais flexibilidade, enquanto nas facções há mais controle e uma necessidade de produzir para justificar a ocupação da máquina, o tipo de remuneração, baseada na produção, permanece igual em ambos os contextos. O grande desafio de ambas as modalidades é que, em momentos de baixa demanda, ou de impossibilidade de trabalhar, a renda das costureiras cai drasticamente.

- Trabalho em Casa de forma autônoma

Muitas costureiras dizem preferir o modelo de produção em casa pela flexibilidade que ele proporciona, a possibilidade de ajustarem seus horários às demandas familiares, como cuidar dos filhos ou de pais idosos, também oferece maiores oportunidades de ganhos. Isso se deve ao fato de que costureiras que

possuem habilidades técnicas para realizar todas as etapas de confecção de uma peça, podem agregar mais valor ao seu trabalho. Quando uma costureira é capaz de costurar uma peça inteira, o valor final é significativamente maior do que quando ela realiza apenas uma etapa do processo em uma facção ou fábrica.

Além disso, trabalhar diretamente com os clientes que contratam o serviço oferece outra vantagem: a possibilidade de negociar preços sem a necessidade de intermediários. Isso permite que a costureira receba o valor integral pago pela confecção da peça, em vez de ter sua remuneração fragmentada entre diferentes etapas do processo e diferentes profissionais. Dessa forma, as costureiras que conseguem construir essa relação direta com seus clientes, aliada a uma produção eficiente e técnica, podem maximizar significativamente sua renda.

Um grande desafio para muitas costureiras que desejam trabalhar de forma autônoma em casa é a necessidade de investimento em maquinário adequado. Para produzir uma peça completa de roupa, geralmente são necessárias pelo menos duas ou três máquinas de costura diferentes, como um overloque, uma galoneira e uma reta, dependendo do tipo de peça e do tecido. Além disso, a costureira precisa de um espaço apropriado em sua casa para instalar esse equipamento e organizar o ambiente de trabalho, o que muitas vezes não é viável em lares pequenos ou com limitações financeiras.

Outro fator que algumas costureiras alegam dificultar a adotarem esse modelo de produção é a falta de habilidade para estabelecer e manter um bom relacionamento com os clientes. Saber conversar, negociar preços e construir uma rede de clientes fixos. Esses obstáculos, tanto financeiros quanto relacionados à gestão de clientes, limitam o acesso de muitas costureiras a um modelo de trabalho mais flexível e potencialmente mais lucrativo. Isso faz com que muitas acabem preferindo trabalhar em facções, onde não precisam arcar com os custos de maquinário e onde a demanda por produção é mais constante, ainda que os ganhos sejam menores e a flexibilidade, reduzida.

-Remuneração por Diária

O trabalho por diária é uma forma mais praticada de remuneração nas facções de costura, onde as costureiras recebem um valor fixo por dia de trabalho,

independentemente do número de peças que produzem. Apesar de garantir uma remuneração previsível, o valor pago por diária tende a ser inferior ao média de pagamento por produção, onde as costureiras têm a oportunidade de aumentar seus ganhos conforme a quantidade de peças que produzem, aumentando consideravelmente a produção.

Embora o pagamento por diária ofereça menos pressão em relação à quantidade de produção, a costureira ainda precisa produzir o suficiente para justificar seu valor de trabalho diário para garantir novas contratações. O valor da diária varia significativamente, segundo as próprias costureiras, os valores podem oscilar entre R\$ 60,00 e R\$ 160,00, dependendo da complexidade do trabalho e da localização da facção. De maneira geral, diárias mais altas são oferecidas nas regiões centrais, onde o custo de vida e os gastos com transporte são maiores, enquanto diárias menores são encontradas em regiões periféricas, onde os custos de deslocamento e alimentação são mais baixos.

Muitas costureiras preferem trabalhar perto de casa, mesmo que isso implique em um valor de diária menor, pois evitam os altos custos de transporte e alimentação. Por exemplo, uma costureira que poderia receber R\$ 150,00 no centro de Goiânia, gastando R\$ 20,00 com transporte e mais R\$ 20,00 com alimentação, muitas vezes prefere aceitar R\$ 80,00 ou R\$100,0 por uma diária trabalhando perto de casa. Isso permite que ela almoce em casa e ainda tenha a possibilidade de fazer horas extras para aumentar seus ganhos. Além disso, as costureiras relatam que preferem trabalhar duas horas a mais para aumentar seus ganhos do que passar duas ou três horas no ônibus para se deslocar.

Esse relato das costureiras, que em geral preferem trabalhar por diária e não ter a carteira assinada para não perder benefícios sociais como o Bolsa Família, revela uma dinâmica importante no mercado de trabalho informal. A escolha por não formalizar o vínculo empregatício está relacionada não apenas à preservação desses benefícios, mas também à percepção de que o trabalho formal, com o piso salarial estabelecido pelos sindicatos das costureiras, oferece pouca atratividade em comparação à flexibilidade do trabalho informal. Essas trabalhadoras valorizam a possibilidade de gerenciar sua própria carga de trabalho, ajustando seus horários conforme suas necessidades familiares e econômicas.

As formas de remuneração no setor de costura, como por produção, diária, trabalho domiciliar ou salário fixo, refletem a complexidade e precariedade dessa indústria. A remuneração por produção pode resultar em ganhos mais altos, mas também impõe uma pressão intensa sobre as costureiras para produzir grandes volumes, o que define sua remuneração. O trabalho formal, por sua vez, oferece estabilidade e benefícios como férias e aposentadoria, mas limita a flexibilidade e nem sempre resulta em rendimentos mais altos. As costureiras que optam pelo trabalho autônomo enfrentam desafios maiores, como a ausência de proteção previdenciária e salários baixos, sendo obrigadas a arcar com os custos do INSS por conta própria (Rosa & Cunha, 2022). A reforma trabalhista de 2017, que tinha como objetivo aumentar a formalização, não resultou em mudanças significativas no setor, mantendo a informalidade predominante e aprofundando a precarização (Colombi, Lemos & Corrêa, 2020).

Essas dinâmicas são evidenciadas nos próprios relatos das costureiras, que refletem tanto as pressões da produção quanto a busca por maior autonomia:

“Se você fizer 100 bocas de bolso, aí você é a 10 centavos. Aí você ganhou 10 reais. Se você fizer 1000 bocas de bolso num dia, você ganhou 100 reais, que é a 10 centavos. Se você fez uma berguilha, que é o negócio que faz o bico, é 20 centavos. Se você fez 1000 no dia, você ganhou 200 reais. Vai dar a produção que você dá [...] quem pensar que a vida da gente é ruim está enganado, porque nem todo mundo tem o privilégio de ter saúde, trabalhar, ganhar seu dinheiro, chegar no sábado e ter uma feira de casa.”

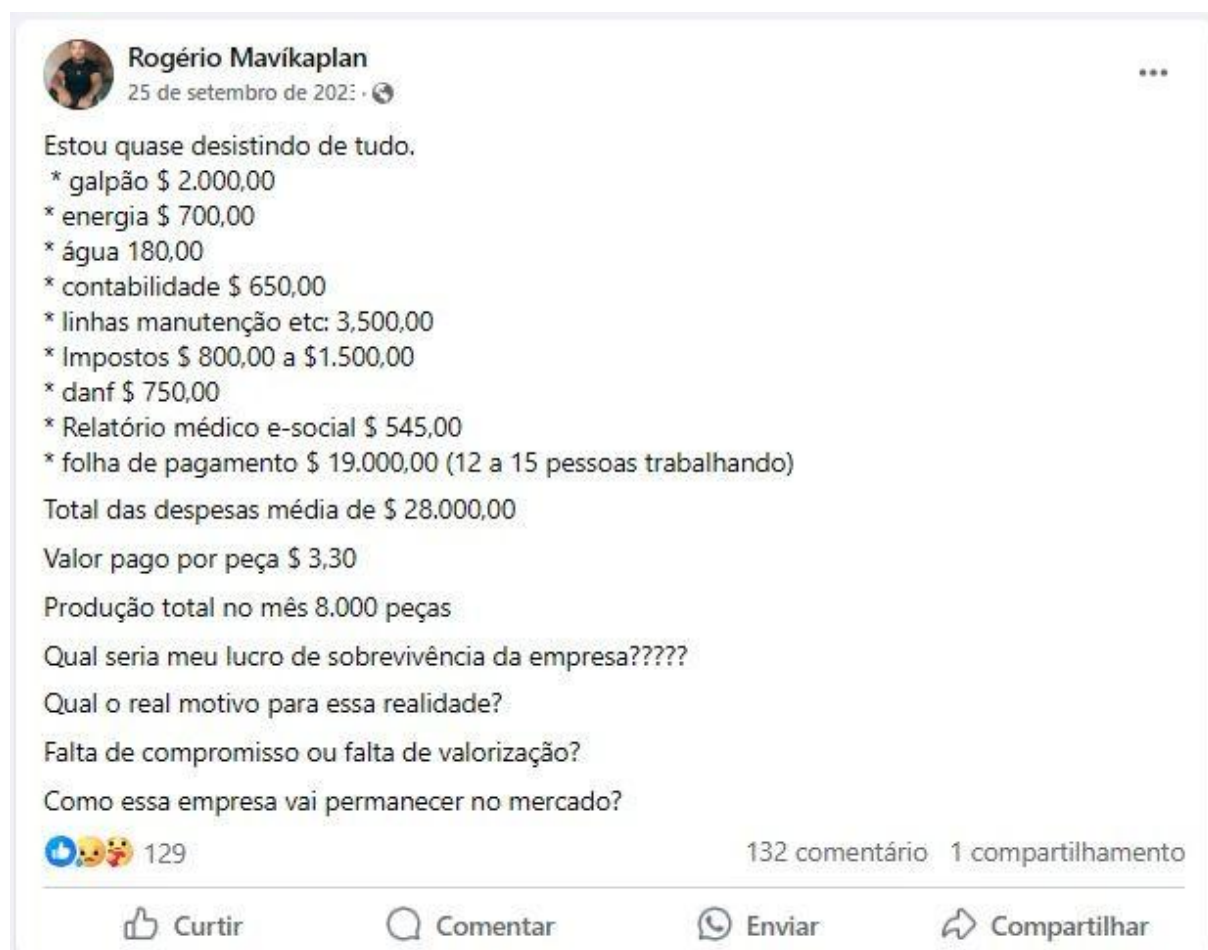
Outro relato ilustra a percepção das vantagens da produção autônoma e da flexibilidade:

“Eu vou dizer. Trabalhar aqui é bom também porque é produção, você ganha o que faz. Quanto mais que você arrochar o nó, você ganha o dinheiro. O negócio é você trabalhar mesmo, não tá conversando, não tá se empancando, né? Trabalhar, porque isso aqui é produção [...] olha, ganhe seu pão, honesto, digno, sem dever a ninguém. Mas dona, a gente entra e sai a hora que a gente quer. Se a gente for trabalhar fechado, tem a hora da gente sair.”

Esses testemunhos evidenciam não só a busca por autonomia no trabalho, mas também as pressões para manter a produtividade e a luta constante por equilibrar flexibilidade com a necessidade de segurança financeira e previdenciária.

Assim como as costureiras, os donos de facção enfrentam as complexas demandas de produção dentro de um cenário neoliberal que, conforme Freeman (2014) descreve, redefine as identidades e as responsabilidades econômicas individuais. Freeman destaca que o empreendedorismo, promovido como um ideal de autossuficiência, coloca sobre os pequenos empresários a expectativa de equilibrar sucesso financeiro e respeito social, enquanto navegam as pressões mercadológicas. Para os donos de facção, essa lógica neoliberal impõe uma sobrecarga que os obriga a aceitar baixos preços, com margens de lucro cada vez menores, especialmente em períodos de baixa demanda.

Figura 7 — Post no facebook desabafando sobre o preço de facção.



Fonte: Grupo de Facebook - Costureiras de Goiânia e região metropolitana (2023).

A remuneração insuficiente pelas peças costuradas reflete um mercado desequilibrado que, ao valorizar o excesso de oferta de mão de obra, contribui para a precariedade, não só dos trabalhadores, mas também dos empregadores, que lutam para sustentar suas operações. Nesse sentido, Freeman argumenta que o neoliberalismo transforma até mesmo os pequenos empresários em "sujeitos empreendedores", que devem se adaptar à incerteza e ao risco financeiro, muitas vezes internalizando a responsabilidade por falhas estruturais no mercado (Freeman, 2014). Isso gera uma dinâmica na qual tanto empregadores quanto empregados se veem presos a um ciclo de precarização, caracterizado pela redução constante de custos, que impacta a todos de maneira desproporcional.

Para entender melhor o valor agregado da mão de obra em uma peça básica, como uma camiseta masculina com estampa frontal, é necessário considerar os principais componentes do custo, como sugere a tabela a seguir.

Figura 8 — Custo real de uma camiseta básica.

ETAPA	VALOR	DESCRIÇÃO – CAMISETA BÁSICA COM SILK
CORTE DA PEÇA	0,55	Valor de R\$ 0,50 por peça mais 0,05 da impressão da matriz (Papel guia); R\$21 dividido por 420 peças
CORTE DO TECIDO DA GOLA (VIES)	0,04	Foi cortado 12m de tecido na máquina de viés pelo valor de R\$1,50m; R\$18 dividido por 420 peças
TECIDO	6,27	Valor do tecido comprado 2.633,40 Rendeu 420 peças
ESTAMPA (SILK)	3,30	A estampa é cobrada R\$1,50 por peça + 0,60 por cor adicional, a estampa tem 4 cores
AVIAMENTOS (ETIQUETAS)	0,29	Etiqueta bordada com o nome da marca 0,17; Etiqueta de composição 0,03; Tag de papel 0,09.
COSTURA	3,00	Nessa camiseta foi usado técnicas de acabamento simples para garantir preço barato de costurar
ACABAMENTO	0,50	Referente a limpeza de linha, dobrar separar, fixar tag de papel e embalar
TAXA DE ADM	2,00	Custo médio de produção como transporte, imposto, modelagens, peça piloto, gasolina e remuneração pela administração
CUSTO DA PEÇA	16,24	

Fonte: Sarah Nafe (2024).

Considerando a tabela anterior, aonde o valor de costura foi apontado como 3 reais as que pode varia entre R\$3,00 e R\$4,00 reais, segue em anexo uma outra tabela detalhando os processos para costura de uma camiseta.

Figura 9 — Processos para costura de camiseta.

	Etapas	Modo de fazer	Maquina
1	Costurar ombro direito	Unir a parte da frente e de trás pelos ombros.	Overloque
2	Costurar ombro esquerdo	Unir a parte da frente e de trás pelos ombros.	Overloque
3	Costurar manga direita	Costurar a manga na cava.	Overloque
4	Costurar manga esquerda	Costurar a manga na cava.	Overloque
5	Costurar lateral direita	Costurar a lateral da camiseta, desde a manga até a barra.	Overloque
6	Costurar lateral esquerda	Costurar a lateral da camiseta, desde a manga até a barra.	Overloque
7	Aplicar gola	Costurar a faixa da gola, unindo-a à abertura do pescoço.	Overlock ou Galoneira.
8	Aplicar ombro a ombro	Aplicar o reforço ombro a ombro para maior durabilidade, costurando uma fita de viés interna.	Ombro-a-ombro
9	Fazer pesponto de gola	Fazer o pesponto na gola para garantir que ela fique no lugar e tenha melhor acabamento.	Reta ou Galoneira
10	Fazer bainha barra	Fazer a bainha na barra inferior.	Reta ou Galoneira
11	Fazer bainha manga direita	Fazer a bainha na manga.	Reta ou Galoneira
12	Fazer bainha manga esquerda	Fazer a bainha na manga.	Reta ou Galoneira
13	Finaliza	Limpar sobras de linha e passar a peça para ajustar as costuras e revisar.	Tesoura

Fonte: Sarah Nafe (2024).

A camiseta, embora seja considerada uma das etapas mais simples do processo produtivo de uma roupa, ainda passa por cerca de 13 processos diferentes, o que significa que a peça vai 13 vezes à máquina de costura, ou 12 vezes mais 1 etapa de retirada de linhas. Ainda que não seja um dado preciso, algumas costureiras relatam que cerca de 10% do valor que recebem para costurar uma peça é gasto com insumos, como linhas, peças de máquinas e óleo. Por exemplo, se uma camiseta é feita por R\$ 3,00, aproximadamente R\$ 0,30 desse valor vai para despesas, enquanto os R\$ 2,70 restantes precisam ser distribuídos entre os 13 processos, o que significa que cada processo é pago em centavos.

Se uma costureira recebe, em média, R\$ 100,00 por dia, ela precisa costurar cerca de 500 processos diários para justificar esse valor. Esse tipo de lógica, herdada da Revolução Industrial, compartimentaliza o trabalho em etapas mínimas e

repetitivas, e a demanda por consumo de peças cada vez mais baratas exige das costureiras uma produção altíssima em quantidade de peças e repetição de movimentos. E é essa repetição excessiva de movimentos, característica da produção em massa e fragmentação do trabalho, que acaba causando muitas das doenças físicas frequentemente relatadas pelas costureiras, como tendinite e bursite. A alta demanda por produtividade, aliada à falta de pausas adequadas, leva ao desgaste físico, tornando essas doenças ocupacionais comuns entre as profissionais da costura.

- Análise da carga horária das costureiras

A rotina de trabalho das costureiras costuma ser bastante intensa, quando trabalham em casa por conta própria relatam longas jornadas, como é o caso da costureira que aparece no documentário "pega-se facção"(2020), *"De manhã eu acordo, coloco eles (os filhos) pra tomar banho e vai pra escola. Aí no que o pai leva eu já me sento na máquina. Às vezes tem horas que eu nem tomo café eu tomo. Já me sinto na máquina. Quando venho tomar café é 10, 11 horas. Bem dizer, na hora do meu almoço. À noite eu tiro direto, vou parar 10 horas da noite."*

Já as que trabalha em fabricas ou facções normalmente trabalham das 8h às 17h, com uma pausa de 1h para o almoço, somando 8 horas diárias. Em alguns casos, as jornadas podem ser de segunda a sexta-feira, mas não é raro que o expediente se estenda até o sábado ou até domingo, dependendo da demanda de produção. Além disso, algumas facções oferecem a possibilidade de trabalhar horas extras ou até mesmo um terceiro turno, das 18h à 00h, essa extensão de horário é mais comum quando necessário aumentar a produção, especialmente no final do ano, perto do natal. Esse acúmulo de horas trabalhadas causa muito cansaço, e uma consequência disso é também a ineficiência, a diminuição da capacidade de produção de uma pessoa, Mireille dona de facção comenta a respeito disso;

"Quando precisa a gente faz, mas as horas extras sempre ficava saindo do bolso da gente, que é um lucro a menos para nós. Fala assim. Não produz o mesmo. Não produz, porque às vezes a gente paga a hora desnecessário, porque a pessoa está tão cansada o dia todo, calor, que chega de noite que ela quer ir é embora e a produção cai, então não compensa(...)é 8 reais que eu pago a hora extra ou 6 reais se é as do acabamento. Agora vai ter que

aumentar para 10, é por isso que eu tirei, porque o que eu fiz? Preferi que viesse trabalhar no sábado, no horário normal, do que deixar, porque às vezes a pessoa quer usar da malandragem, quer fazer uma hora, sair 6 horas e fica remanchando e ganha 10 reais naquela hora. Aí no final da semana aquele valor dá quase a diária. Aí eu preferi selecionar algumas pessoas para vir no sábado, que eu sei que vai trabalhar mesmo e pagar, e tirei as horas extra(...) não, o turno da noite não compensa. Só se for outro costureiro que fica com os filhos de dia, o marido chega e quer um emprego de noite para trabalhar, porque o marido vai trabalhar e não tem com quem deixar os filhos. Aí o marido fica com os filhos e ela vem trabalhar no terceiro turno.

O pagamento do terceiro turno é de metade da diária, correspondente as 4h trabalhadas, já no caso de horas adicionais é feito de forma proporcional ao valor da diária. Se a costureira recebe R\$ 80,00 por uma jornada de 8 horas, o valor da hora é de R\$ 10,00. As horas extras seguem essa lógica, e o pagamento é realizado de acordo com a quantidade de horas trabalhadas a mais. Embora essa prática de pagamento por hora adicional possa parecer vantajosa em momentos de alta produção, ela também pode levar à sobrecarga física e mental, já que essas trabalhadoras enfrentam longas jornadas sem descanso adequado. Essa rotina pode ser melhor entendida com o relato a seguir;

"na época eu achei um emprego no jornal, por que eu não tinha celular, não tinha nada na época, a internet, como não tá hoje, não tinha, né? Aí eu liguei pra uma mulher que tava precisando alguém pra trabalhar na casa dela, o nome dela é Cláudia, uma maranhense. Foi daí que eu comecei a mexer com tactel na minha vida. Aí chegou lá na casa dela, (...) ela gostou do meu serviço na reta, né! (...) Na casa dela não dava nem um café da manhã pra gente, não, igual eu dou hoje e nem o dinheiro do transporte, ela disse; 70 reais a diária. Aí ela perguntou pra mim, que hora que você pode começar isso, a hora que você começa aqui? Ela disse, não, se você chegar às 5 horas da manhã ali na BR, eu te pego, eu tô com muito serviço.... não, beleza, eu vou pegar o primeiro ônibus lá de Goiânia, então., era 70 reais a diária, mas a hora extra era 5,25 reais(...) então eu saía de lá, já era 10 e meia da noite, não parava nem pra almoçar, fazia 14, 15 horas, comia na máquina. Eu já passava no homem de manhã, comia o café de madrugada, comprava um pacotinho de pão pra almoçar...

Enquanto uma costureira relata o quanto as longas jornadas de trabalho podem ser exaustivas, ainda que representem uma oportunidade de aumentar a renda em momentos de necessidade, mas esse relato deixa claro que não são apenas as costureiras que trabalham de forma independente, com salário fixo ou por diária que

sofrem com a baixa remuneração, mas também os próprios donos de facção. O mercado tende a equilibrar o valor da costura com base no excesso de oferta de mão de obra, especialmente em períodos de baixa demanda.

2.6 FASE IV - ACABAMENTO

Uma vez que as peças já foram costuradas, elas são enviadas para a etapa de acabamento. O acabamento é a fase final do processo produtivo dentro da confecção e é caracterizado por ser executado por mão de obra menos especializada em comparação às etapas anteriores, como o corte e a costura. Consequentemente, essa é a etapa onde os trabalhadores costumam receber os menores salários ou valores de diária.

O acabamento inclui atividades como revisão de qualidade, retirada de linhas soltas, aplicação de etiquetas e dobragem das peças. Em casos específicos, quando o tecido utilizado é mais rígido ou possui características específicas, como jeans, sarja e brim (tecidos engomados), as peças costumam ser enviadas para lavanderias industriais.

- Lavanderia de Confecção

A lavanderia de confecção é uma etapa especializada no processo produtivo de vestuário, responsável por fazer beneficiamentos aos tecidos e peças de roupas por meio de processos de lavagem, tingimento, amaciamento e acabamento. Esta fase ocorre geralmente após a costura e pode ser indispensável para peças feitas com tecidos engomados, como jeans, sarja e brim, que requerem tratamento adicional para retirar os resíduos do tecido e melhorar a aparência e toque.

Principais funções práticas:

-Puídos e trabalhos manuais: técnicas especializadas que visam conferir um visual desgastado, rústico e personalizado às peças, simulando efeitos de uso prolongado e criando um estilo único. Essas práticas incluem a aplicação de puídos,

bigodes (vincos), desgastes localizados, rasgos controlados, além de bordados e patchwork. São realizados após a costura do jeans, em oficinas de beneficiamento ou lavanderias industriais, utilizando ferramentas como lixas, lâminas e esmeril, combinadas com a habilidade manual dos profissionais. Os efeitos são aplicados estrategicamente em áreas como joelhos, quadris e bolsos, garantindo um acabamento artesanal que diferencia cada peça.

- Lavagem e tratamentos químicos: Após os trabalhos manuais é feita a lavagem das peças, onde produtos químicos específicos são aplicados para remover sujeiras, amaciá-las e preparar o tecido para outros tratamentos. Dependendo do tipo de peça, podem ser aplicados amaciantes, alvejantes ou agentes neutralizantes, visando alcançar a textura e coloração desejadas.

- Processos de beneficiamento: Após a lavagem, as peças podem passar por diferentes processos de beneficiamento, como o stone wash, que utiliza pedras-pomes para desgastar a superfície do tecido, ou o uso de laser para criar efeitos visuais específicos no jeans. Além disso, técnicas como tingimento reativo e ozonização são utilizadas para dar cores vibrantes ou efeitos de envelhecimento.

- Secagem e acabamento final: As peças são, então, secas em equipamentos industriais que garantem a manutenção das dimensões e da textura do tecido. Em seguida, pode ser aplicado um acabamento final, como o uso de silicone ou resinas para dar brilho ou tratamento antiamarrotamento, garantindo que as roupas apresentem a qualidade esperada e o visual ideal para comercialização.

- Controle de qualidade e separação: Por fim, as peças passam por um controle de qualidade, onde são verificadas as características como cor, textura e efeitos aplicados. Após essa revisão, as roupas são separadas por tamanho e modelo para seguir a próxima etapa

A lavanderia de confecção desempenha um papel essencial na agregação de valor ao produto final, proporcionando acabamentos diferenciados e garantindo que as peças atendam aos padrões estéticos e de conforto exigidos pelo mercado. No

entanto, os trabalhadores dessa etapa frequentemente se queixam de alterações na textura da pele das mãos, que se tornam grossas e manchadas por dias devido ao contato contínuo com produtos químicos. Esses profissionais estão expostos a substâncias prejudiciais, que podem ser inaladas ou absorvidas pela pele, resultando em dermatites, reações alérgicas e até mesmo complicações mais graves, como câncer, devido à presença de metais pesados e anilinas nos corantes azo e reagentes utilizados no jeans (AL-AMRANI et al., 2022).

Figura 10 — Palma das mão manchadas com o pigmento do tecido



Fonte: Sarah Nafe (2024).

Na imagem anterior, é possível observar os efeitos dos produtos químicos diretamente na pele dos trabalhadores, como sinais de irritação e mudanças de textura. Na imagem seguinte, o ambiente de trabalho apresenta uma situação preocupante em termos de segurança. Ao redor da mesa, há galões de produtos químicos, todos etiquetados com alertas de perigo de contato com a pele, que são utilizados na mistura para o processo de lavagem das peças. A presença desses produtos, próximos à área de trabalho e sem o devido armazenamento e proteção,

representa um risco significativo para a saúde dos trabalhadores que afirmam acreditar que faz mal.

Imagem 4 — Produtos químicos e tanque de água poluída



Fonte: Sarah Nafe (2024).

Além disso, o tanque de água suja, que corresponde ao local onde a máquina de lavagem é filtrada, antes do descarte da água, levanta questões ambientais e sanitárias. Como normalmente não há, essa água contaminada com resíduos químicos coloca não só os trabalhadores em exposição a possíveis intoxicação, mas também da sociedade, considerando que esses líquidos são descartados de maneira inadequada.

Imagem 5 — Pilhas de roupas recém lavadas e maquinário ao fundo



Fonte: Sarah Nafe (2024).

Na imagem anterior, podemos observar o maquinário utilizado no processo de lavagem das roupas. O destaque, no entanto, não está apenas no equipamento, mas nas condições de trabalho que ele expõe. Após a lavagem, as peças são organizadas por tamanho diretamente no chão, o que revela um ambiente de trabalho improvisado e, muitas vezes, com infraestrutura inadequada. Essa prática evidencia a necessidade de adaptação às limitações físicas do espaço, algo comum em locais de produção terceirizada. Após a lavanderia as peças são mandadas para a próxima etapa de produção, que envolve acabamento e embalagem.

- Acabamento final:

O acabamento é a última etapa do processo de produção de roupas, responsável por garantir que as peças estejam prontas para serem comercializadas. Esse processo envolve várias atividades específicas, como a retirada de sobra de linha, passagem a ferro, separação, etiquetagem e embalagem. Cada uma dessas atividades tem como objetivo garantir uma apresentação adequada dos produtos.

- Tiragem de linhas: A primeira etapa do acabamento consiste na remoção de linhas soltas e fios excedentes que permanecem nas peças após a costura. Esse trabalho é realizado manualmente, com o auxílio de tesouras pequenas, para garantir que a peça fique "limpa", valorizando o produto final.

- Passagem a ferro: Após a tiragem das linhas, as peças são passadas a ferro para garantir que estejam devidamente alinhadas, sem marcas de dobra ou vincos. O uso de prensas industriais e ferros a vapor ajuda a conferir um acabamento mais profissional e um aspecto visual mais atraente.

- Separação e etiquetagem: Em seguida, as peças são separadas por tamanho, modelo e cor, facilitando a organização e o controle de estoque. A etiquetagem é realizada para indicar informações importantes, como o tamanho da peça, o material utilizado, e instruções de lavagem. As etiquetas são aplicadas de maneira discreta e precisa para não comprometer a estética do produto.

- Embalagem: Por fim, as peças passam pelo processo de embalagem, onde são dobradas e acondicionadas em sacos plásticos ou caixas apropriadas para transporte. A embalagem visa proteger as roupas durante o armazenamento e o transporte, garantindo que cheguem em perfeitas condições ao consumidor final.

Cada uma dessas atividades do acabamento contribui para a valorização do produto final, garantindo um aspecto visual impecável e a integridade das peças até o momento da venda ao cliente. O trabalho de acabamento dentro das facções de costura ou em serviços terceirizados é, de fato, um dos segmentos mais

desvalorizados em termos de remuneração, recebem um salário mínimo, e em muitos casos, são pagos por peça, recebendo apenas alguns centavos por cada peça finalizada. Essa atividade, que não exige alta qualificação, acaba sendo destinada a idosos e crianças, que buscam complementar a renda familiar ou encontrar uma forma de sustento.

Para muitas costureiras, o trabalho no acabamento é o que consideram como uma “aposentadoria”, pois, ao não conseguirem mais suportar longas jornadas nas máquinas de costura devido a problemas ortopédicos, como dores nas costas e na coluna, elas passam a trabalhar em etapa mais leve. Já as crianças, filhas dessas costureiras, costumam acompanhar suas mães na facção diariamente. Embora estejam presentes todos os dias, elas só ajudam no processo de acabamento quando desejam ou quando há uma grande demanda de serviço, realizando atividades como tirar linhas e organizar peças.

As mães contam que a rotina de trabalho das crianças não é fixa, na maioria dos casos encontrados na pesquisa, elas participam apenas quando querem um dinheiro extra para pequenas despesas pessoais, como a compra de brinquedos e doces. Essa prática reflete a realidade socioeconômica das famílias envolvidas, onde o trabalho infantil é utilizado como uma alternativa para manter as crianças por perto, evitando exposição a ambientes externos.

3 PARTE II: IMPACTO DA CADEIA INFORMAL NA VIDA PESSOAL

3.1 ETNOGRAFICO: INICIAÇÃO NA MODA

As histórias que envolvem o início da trajetória das profissionais na área da moda e costura são variadas e, muitas vezes, estão ligadas a experiências familiares ou à necessidade de sobrevivência em contextos de poucas oportunidades. É comum que as costureiras relatem terem aprendido a costurar com familiares ou pessoas próximas, seja para auxiliar na produção de roupas ou por interesse em confeccionar suas próprias vestimentas desde cedo.

Um exemplo significativo é o de Juliana, uma das interlocutoras deste trabalho. Ela aprendeu a costurar enquanto trabalhava em uma loja de roupas em Araçu, uma pequena cidade do interior de Goiás, a cerca de 55 km de Goiânia. Diante das poucas oportunidades de emprego, ela começou a se dedicar à costura como forma de auxiliar na produção da loja, especialmente nos momentos em que não havia clientes. Foi durante esse período que desenvolveu as habilidades básicas da costura. Posteriormente, após deixar o emprego na loja, Juliana passou a trabalhar em uma facção, onde permaneceu por mais de 15 anos com carteira assinada. Hoje, com sua própria facção, ela exemplifica o percurso de muitas mulheres que, iniciando em um contexto de poucas opções, encontram na costura uma forma de sustento. E para muitas dessas mulheres, a escolha pela costura está relacionada à necessidade de conciliar o trabalho com o cuidado da família. A flexibilidade que a atividade proporciona, principalmente para quem trabalha em casa, é vista como uma oportunidade de estar presente para os filhos enquanto se gera renda. Além disso, há aquelas que possuem outros empregos principais e utilizam a costura como uma atividade complementar, costurando nos finais de semana ou à noite para aumentar a renda familiar.

Depois de muitos meses de convivência e amizade, Mirielle, de 45 anos, me autorizou a contar sua história de vida. Sua trajetória na costura começou como um sonho infantil. Crescendo em Belém do Pará, em uma família de baixa renda, a interlocutora se recorda de como a falta de recursos a impedia de comprar roupas novas. Ela tinha apenas um macaquinho, dividido entre as cores verde e preto, que usava repetidamente, e se tornou alvo de bullying na escola. “Não tira essa roupa?

Você só tem essa?”, as crianças repetiam. Esse episódio da infância se transformou na motivação para buscar independência e aprender a costurar para que pudesse ter não só roupas novas, mas também construir uma profissão e ganhar dinheiro.

Com cerca de 14 anos, ela começou a trabalhar vendendo salgados que aprendeu a fazer com uma tia. Ela se lembra bem desse período, quando vendia coxinhas em portas de festas e feiras para juntar algum dinheiro. Foi dessa forma que conseguiu comprar sua primeira máquina de costura, uma Bracob galoneira, e, aos poucos, adquiriu outras, um overloque semi-industrial e uma reta. Com as máquinas novas, contratou uma costureira para ajudá-la na produção e, observando o trabalho dela, começou a aprender as técnicas de modelagem, corte e costura. “Sempre tinha que ter de timbre. Um dia eu vou costurar e vou aprender e vou viver disso”, dizia a si mesma, quando ainda estava apenas observando, sem o conhecimento nem habilidade manual para costurar sozinha.

Com a produção crescendo, Mirielle montou um pequeno ponto na feira, vendendo peças de lingerie, aonde sua mãe ajudava em troca de alguma remuneração. Com o tempo ela mudou seu ponto de vendas para uma loja alugada aonde também abriu uma lanchonete e posteriormente um salão de beleza em Belém. Tudo parecia estar se ajeitando quando conheceu seu primeiro marido, um trabalhador de serviços gerais. Em busca de novas oportunidades, mudaram-se para Goiânia, levando o maquinário de costura que ela tinha comprado com tanto esforço. Mas logo ao chegarem, perceberam um obstáculo inesperado: as máquinas eram 110V e as tomadas em Goiânia funcionavam em 220V. Sem condições de adaptar o equipamento que não funcionou como deveria com o uso de transformadores, ela teve que vender o maquinário, o valor não dava para comprar outro, mas ela também percebeu que a indústria têxtil em Goiânia estava muito mais moderna que em Belém, então os produtos que ela estava acostumada a fazer não venderiam em Goiânia, logo ela precisou encarar novo recomeço do zero.

Na nova cidade começou a vender marmitas, utilizando receitas que aprendeu com parentes e adaptando a culinária para agradar o paladar goiano. “Eu queria muito continuar com a costura, mas não dava. Tive que ir para a cozinha e comecei a vender marmitex. Usava o carro dos outros emprestado para entregar”, recorda. Apesar das dificuldades, o negócio começou a andar e ela conseguiu economizar um pouco para

comprar tecidos e máquinas de novo. Foi quando, aos poucos, começou a voltar para o ramo da costura.

Conforme Mirielle conseguiu voltar para o ramo de produção de roupas, sua dedicação e foco a levaram a um crescimento gradual e constante. Durante a semana, ela se dedicava intensamente à costura, produzindo peças que seriam vendidas nos finais de semana na feira. No início, ainda trabalhava sozinha, mas com o tempo, a produção aumentou a ponto de não dar mais conta de fazer tudo sozinha. Foi então que ela decidiu terceirizar parte do serviço de costura para outras costureiras, ampliando a capacidade produtiva de sua facção. A estratégia deu certo: ao aumentar o volume de peças, ela passou a conseguir vender nas feiras todos os dias. Em vez de ficar apenas no processo de produção, ela percebeu que seu lucro era muito maior se ela mesma estivesse na linha de frente, vendendo as peças prontas diretamente ao cliente.

Nesse momento de sua trajetória, que conseguiu atingir um novo patamar financeiro. “Foi aí que comecei a ganhar dinheiro de verdade”, ela conta com orgulho. A produção cresceu, os lucros aumentaram e, com isso, investiu mais ainda em maquinário e tecidos de maior qualidade. Suas vendas diárias, aliadas à terceirização da produção, proporcionaram a ela uma estabilidade financeira que nunca havia experimentado antes.

Além do sucesso na venda de moda, ela resolveu diversificar e montou uma barraca na feira para vender comida. Agora, além das roupas que fazia, ela também comercializava comida, aproveitando sua experiência anterior no ramo alimentício. Essa combinação de vendas gerou um impacto financeiro significativo. As vendas de roupas garantiam um lucro consistente, enquanto o negócio de comida trazia um faturamento extra que se somava aos ganhos. Com essa organização, a renda deu um salto e, finalmente, ela conseguiu adquirir novas máquinas, melhorar a estrutura da casa e dar um conforto maior para a sua família. “Eu consegui comprar um carrinho, morava numa casa boa, e dar mais condição pros meus filhos”, lembra. E mesmo com a rotina intensa, vendendo na feira durante o dia e cozinhando à noite ela conseguiu ganhar dinheiro.

No auge dessa fase, chegou a vender milhares de reais em um único final de semana, e o sucesso nas feiras foi tanto que, por algum tempo, ela manteve seu próprio ponto de venda de roupas e de comidas na Feira Híppie, um dos principais

centros de comércio popular de Goiânia. Esse período foi o que garantiu a ela um alívio financeiro e uma estabilidade que poucas vezes havia alcançado na vida. No entanto, um acontecimento mudou a sua realidade, quando seu filho mais novo adoeceu gravemente com meningite, e Mirielle passou mais de 30 dias no hospital, sem poder trabalhar e sem nenhuma fonte de renda. O que ela tinha foi consumido pelos custos do tratamento e pela ausência nos pontos de venda. “Perdi meu ponto, perdi tudo”, diz. Quando saiu do hospital, sem dinheiro para se sustentar, ela teve que vender os móveis, eletrodomésticos e até mesmo o carro que tinha, por um valor muito inferior ao de mercado. “O carro valia uns 6 mil reais e eu vendi por 400 reais para poder comer e comprar remédio. Não podia deixar meu filho sem o que precisava”, relembra.

Depois da recuperação de seu filho, se viu em uma situação crítica: sem recursos financeiros, sem o apoio do marido, que ela “mandou embora” por ter se envolvido em atividades ilegais com venda de cigarros contrabandeados, e sem perspectiva de como recomeçar. Determinada a seguir em frente, começou a procurar oportunidades em facções e fábricas de costura em Goiânia. Sem muitas opções, aceitou um emprego fixo em uma fábrica de bermudas taylor, onde trabalhou por quase um ano. “Era pouco, mas tinha estabilidade, carteira assinada. No momento, era o que eu precisava”, lembra.

Apesar do salário limitado e das condições de trabalho, ela dedicava longas horas à fábrica, chegando cedo e saindo tarde, às vezes trabalhando até 15 horas por dia, para garantir uma renda maior através da remuneração de horas extras. Foi nessa fábrica que ela aprimorou ainda mais suas habilidades, demonstrando grande versatilidade ao operar diferentes tipos de maquinário. Inicialmente, começou como operando apenas a máquina overlock para o acabamento das peças. No entanto, seu interesse em aprender cada vez mais a levou a dominar outras máquinas como a galoneira, a reta e o maquinário de zigue-zague. Essa dedicação a tornou uma peça-chave na fábrica, onde frequentemente era chamada para solucionar problemas técnicos e ajudar a treinar novas operadoras.

Esse destaque chamou a atenção do dono da marca para que a facção que lá trabalhava. Ele propôs uma parceria: ele financiaria o maquinário necessário, e ela ficaria responsável por gerenciar e produzir as encomendas em sua própria facção,

que seria montada na garagem de sua casa. A ideia de ter novamente seu próprio negócio, apesar das dificuldades, a animou, pois significava um novo começo.

Com a nova oportunidade, mergulhou no trabalho. A jornada era intensa: começava às 5 horas da manhã e, muitas vezes, só terminava por volta das 22 horas. Além de costurar, ela cuidava de todo o processo. Mesmo com ajuda de algumas costureiras que contratou, o trabalho era exaustivo pela carga horária. “A garagem virava um campo de batalha, com tecido pra todo lado e eu e as meninas revezando para dar conta de tudo”, ela recorda. Mirielle não deixava de trabalhar duro todos os dias. Ela passava dias e noites costurando, sem descanso nos finais de semana, apenas para garantir que as encomendas fossem entregues no prazo. A flexibilidade de trabalhar em casa parecia uma vantagem, mas muitas vezes a fazia estender a jornada até tarde da noite. “Eu terminava o dia tão cansada, que mal conseguia comer. Só queria deitar e dormir, porque no outro dia tinha mais, começava 5 horas da manhã”, conta.

Com o passar do tempo, as encomendas aumentaram, e a garagem começou a ficar pequena para a quantidade de máquinas e volume de produção. Sem dinheiro para alugar um espaço maior adaptou a própria casa: o quarto dos fundos virou depósito de tecidos e a sala, local para guardar as peças prontas. Ela e os filhos precisaram se ajustar ao novo cotidiano, o que levou que os filhos fossem morar na casa da avó para fugir da instabilidade e bagunça da casa.

Durante essa fase, ela lembra de ter trabalhado quase sem parar por cerca de um ano. Apesar de toda a exaustão, foi nesse período que conseguiu dar a volta por cima. Ela pagou as dívidas da compra das máquinas, estabilizou a facção. “Foi um sufoco, mas consegui pagar todas as dívidas.”, comemora. A nova facção começou pequena, com apenas três máquinas e algumas costureiras. Mirielle sabia que o espaço era precário, mas, ao mesmo tempo, era o único meio de recomeçar sem precisar investir muito. “A gente dividia o espaço com a casa, a sala virava lugar de guardar tecido, o quarto tinha peça pronta. Tudo junto e misturado, eu assistia tv sentada na pilha corte”, descreve.

Com o tempo, trabalhando nessas condições conseguiu pagar o maquinário que havia obtido de seu ex-chefe e, mesmo sem um contrato formal de exclusividade, ela continuava trabalhando para ele, principalmente por gratidão. Essa parceria não

só proporcionava uma certa estabilidade, como também permitia que ela contratasse outras costureiras e mantivesse sua facção em funcionamento.

No entanto, essa relação de dependência reflete uma dinâmica comum no setor informal, onde as trabalhadoras, muitas vezes, contraem dívidas que as mantêm presas a um empregador, configurando uma forma contemporânea de escravidão. Como descrito por Cristina Teixeira Marins e Eeva Kesküla (2022), a contração de dívidas funciona como um mecanismo que aprisiona as trabalhadoras a um ciclo de exploração, impedindo-as de alcançar independência financeira e perpetuando uma relação de dependência econômica, que lembra práticas coercitivas da escravidão antiga. Nesse contexto, a dívida atua como uma forma de controle, onde as trabalhadoras, embora formalmente livres, permanecem subjugadas pela pressão de quitar o que devem, sem possibilidade de buscar outras oportunidades de trabalho. Muitas vezes baseadas na informalidade e na contração de dívidas, refletem um sistema mais amplo de exploração no qual a falta de proteção legal e a precariedade perpetuam condições que lembram versões contemporâneas de escravidão.

Mas ela diz gostar da costura, porque sabe que não é apenas um meio de sobrevivência. Ela vê a costura como algo que a ajudou a enfrentar crises de ansiedade. “Quando estou costurando, a minha ansiedade para. Às vezes, você chora na máquina, mas está concentrada ali. A costura me salvou de muita coisa”, confessa. Com sua história, Mirielle expõe a complexidade e as contradições do trabalho informal e da precarização que afetam a vida das costureiras. Embora tenha encontrado maneiras de se reerguer e continuar lutando, a realidade que enfrenta reflete as limitações e dificuldades estruturais desse mercado.

3.2 SAZONALIDADE E REMUNERAÇÃO VARIÁVEL

A produção têxtil é fortemente influenciada pela sazonalidade, especialmente em datas comemorativas como Dia dos Namorados, Dia das Mães, Dia dos Pais, Black Friday, Natal e Dia das Crianças. Essas datas geram picos de demanda, seguidos por períodos de baixa atividade, e todos os trabalhadores do setor sofrem com essa oscilação de demanda. A partir do conceito de "campo" de Pierre Bourdieu,

podemos compreender as dinâmicas de concorrência e hierarquia entre essas trabalhadoras nesse contexto. Embora o arranjo informal possa parecer vantajoso ao oferecer flexibilidade e redução de custos para os empresários, ele também gera desigualdades e precarização, intensificadas pela sazonalidade do trabalho (BOURDIEU, 1989).

Em todas as etapas da produção, os trabalhadores que ocupam diferentes posições são afetados pela sazonalidade, que gera uma competição entre eles. Nos meses de baixa demanda, competem pelos poucos serviços disponíveis, o que muitas vezes os leva a aceitar preços mais baixos para garantir uma renda mínima. Nesse cenário, o capital econômico e o capital simbólico tornam-se cruciais. Aqueles que possuem uma clientela fiel ou maior prestígio no campo conseguem continuar trabalhando e manter suas tarifas, enquanto os menos valorizados ou com menos contatos dependem de grupos informais em redes sociais, como WhatsApp e Facebook, para encontrar trabalho. Esses trabalhadores ocupam posições mais vulneráveis devido à ampla concorrência (BOURDIEU, 2003).

A teoria de Bourdieu nos permite perceber por exemplo como o "campo" da costura é hierarquizado. As costureiras mais experientes e produtivas ocupam posições superiores, podendo cobrar mais pelos seus serviços e garantir trabalho mesmo em períodos de baixa demanda. Em contrapartida, as costureiras menos prestigiadas ou mais novas na profissão aceitam condições desfavoráveis, como preços reduzidos e menos estabilidade. A sazonalidade funciona, assim, como um mecanismo de definição das relações de poder dentro desse campo (BOURDIEU, 2003). Nos meses de alta demanda, aquelas que possuem mais capital simbólico e econômico podem escolher os melhores trabalhos e manter sua posição no topo da hierarquia. Nos meses de baixa demanda, a concorrência força as costureiras menos prestigiadas a aceitar trabalhos mal remunerados e, frequentemente, subcontratados por outras profissionais, reforçando a lógica de subcontratação dentro da própria cadeia de trabalho informal (SILVA, 2019).

A remuneração variável, que é comum no setor de confecção, especialmente nas facções, agrava ainda mais essa precarização. Esse tipo de pagamento, baseado na quantidade de dias trabalhados, peças produzidas ou horas extras, impacta diretamente a vida das costureiras de maneira complexa. Embora pareça uma

oportunidade de aumentar a renda, na prática, gera insegurança financeira, sobrecarga de trabalho e perpetua o ciclo de precarização (GIRALDIN, 2022).

Uma das principais consequências da remuneração variável é a instabilidade financeira. Ao contrário de um salário fixo, que permite o planejamento financeiro, a remuneração baseada na produção ou em diárias torna a renda das costureiras imprevisível. Em épocas de alta demanda, elas podem ganhar mais, mas nos períodos de baixa produção, ficam vulneráveis à falta de trabalho e renda. Muitas delas enfrentam dificuldades para pagar despesas fixas, como aluguel e contas de luz e água, e acabam recorrendo a empréstimos ou à venda de seus próprios equipamentos de trabalho. Essa realidade é particularmente desafiadora para mulheres que são mães solteiras, cuja renda irregular compromete ainda mais a segurança econômica (SILVA, 2019).

Além disso, a remuneração variável está diretamente ligada ao aumento da sobrecarga de trabalho. Para garantir um rendimento em meses de pouca demanda muitas costureiras leiloam seus serviços por preços mais baixos que em outras épocas dos anos, isso faz com que precisem estender suas jornadas de trabalho para garantir mais remuneração. Pierre Bourdieu explica que as práticas sociais e as expectativas internalizadas fazem com que essas mulheres aceitem essa sobrecarga como parte natural de sua rotina, incorporando a lógica de que, para ganhar mais, é necessário produzir mais, mesmo que isso comprometa seu tempo de descanso e suas responsabilidades domésticas (BOURDIEU, 1989).

A sobrecarga e o desgaste físico são frequentemente mencionados pelas trabalhadoras. Um relato de uma costureira, que trabalhou em uma lavanderia, exemplifica essa realidade: "Eu me lembro que na época eu fiz três mil reais numa semana com lixado de esponja, era dinheiro" (MIRIELLI, 2024). No entanto, esse ganho foi obtido à custa de um trabalho exaustivo e arriscado, com exposição a produtos químicos e jornadas extenuantes.

Outra consequência importante da remuneração variável é o estresse e a ansiedade causados pela incerteza sobre o valor recebido ao final de cada mês. Muitas costureiras vivem sob constante pressão para aumentar sua produtividade, o que as leva ao consumo de substâncias estimulantes, como o rebite, para suportar as longas horas de trabalho. Esse ambiente não é apenas fisicamente desgastante, mas também emocionalmente exaustivo (SILVA, 2019). A imagem de uma garrafa de café

com o aviso "PROIBIDO colocar rebite no café" é um símbolo claro da normalização do uso de drogas para enfrentar as longas jornadas de trabalho.

Imagem 6 — Garrafa de café com aviso de "PROIBIDO colocar rebite no café, respeite por favor!"



Fonte: Autor desconhecido - Mensagem encaminhada via Whatsapp(2024).

As profissionais dizem que o constante uso de energético, café, rebite e outros tipos de substâncias estimulantes podem ser prejudiciais para a saúde em algum momento futuro, no entanto a necessidade de alta produção faz com que elas optem pelo consumo de tais. Essa dedicação longa ao trabalho faz também com que muitas dessas trabalhadoras não tenham tempo para investir em sua qualificação profissional, mantendo-as presas a um ciclo de trabalho informal e de baixa remuneração, sem perspectivas de mobilidade social ou crescimento econômico (GIRALDIN, 2022).

A análise a partir da teoria de Bourdieu revela que o campo da costura informal em Goiânia é estruturado por relações de poder e hierarquia, onde a sazonalidade amplifica as desigualdades entre as trabalhadoras. Embora o trabalho informal ofereça flexibilidade, ele também gera precarização, expondo as costureiras a uma instabilidade que afeta diretamente sua segurança econômica e seu bem-estar. A falta de regulamentação no setor reforça a necessidade urgente de políticas públicas que garantam condições mínimas de segurança e direitos trabalhistas para essas profissionais, uma vez que a informalidade, longe de desaparecer, tende a se perpetuar (SILVA, 2019).

Em resumo, o trabalho das costureiras em facções domiciliares reflete a lógica de precarização e auto exploração, exacerbada pela sazonalidade e pelas dinâmicas hierárquicas do campo da costura. Sem a proteção de direitos trabalhistas, essas mulheres enfrentam uma sobrecarga física e mental, que perpetua um ciclo de vulnerabilidade e desvalorização do trabalho feminino.

3.3 IMPACTO DA TECNOLOGIA NO OFICIO DA COSTURA

A produção de moda passou por transformações profundas com a evolução tecnológica, impactando diretamente o papel dos trabalhadores no setor. Se antes o processo era artesanal, com a costureira controlando todo o ciclo de produção de uma peça, o advento de máquinas modernas, softwares de design e sistemas automatizados fragmentou esse trabalho. Essa fragmentação transformou as costureiras em operadoras especializadas em apenas uma etapa do processo produtivo, reforçando a alienação já discutida por Karl Marx. Segundo Marx, no

capitalismo moderno, o trabalhador se desconecta do produto final e se torna um "apêndice da máquina", limitado a realizar uma função repetitiva e pré-determinada, sem domínio sobre o todo.

Essa mudança trouxe consequências significativas, especialmente para as facções de costura no Brasil. A realidade dessas pequenas unidades produtivas é particularmente crítica, pois o maquinário utilizado frequentemente é defasado, o que compromete a produtividade e a qualidade do trabalho. As costureiras, ao operarem máquinas antigas, enfrentam limitações para aprimorar habilidades e oferecer um trabalho de maior qualidade. Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em 2023 revelou que a idade média dos equipamentos nas indústrias brasileiras é de 14 anos. Cerca de 40% das máquinas já ultrapassaram ou estão próximas de alcançar o limite recomendado pelos fabricantes, o que reduz a eficiência do setor. Apenas 2% das empresas entrevistadas utilizam máquinas com menos de dois anos e meio de uso, refletindo a falta de investimento em tecnologia e modernização do parque fabril.

Nas facções domiciliares, a situação é ainda mais precária. Essas unidades produtivas menores, frequentemente informais, têm dificuldades para acessar financiamento e modernização tecnológica. Isso não apenas impacta a produção, mas também mantém as costureiras em um ciclo de baixa produtividade e de condições de trabalho precárias. A introdução de tecnologia, quando restrita a poucas etapas do processo produtivo ou mal distribuída, tende a acentuar essa fragmentação e ampliar a precarização. Muitas vezes, em vez de melhorar a condição das trabalhadoras, a tecnologia mal implementada limita sua autonomia e perpetua desigualdades.

Um aspecto central dessa dinâmica é como as costureiras são frequentemente definidas pelas máquinas que operam. Em muitas facções, a especialização em um tipo de maquinário restringe a mobilidade das trabalhadoras no mercado de trabalho e limita suas oportunidades de emprego. Por exemplo, máquinas antigas com motores elétricos apresentam diversas limitações: têm aceleração mais lenta, requerem maior esforço para iniciar e finalizar a costura e geram maior tempo de desaceleração. Além disso, essas máquinas esquentam rapidamente, vibram excessivamente e causam desconforto significativo durante longas jornadas de trabalho.

Por outro lado, a tecnologia também pode ser uma ferramenta poderosa para transformar o trabalho das costureiras e melhorar suas condições. Máquinas eletrônicas modernas oferecem uma série de vantagens que aumentam a produtividade e reduzem o desgaste físico das trabalhadoras. Essas máquinas têm iluminação embutida, velocidade superior e recursos programáveis, permitindo, por exemplo, a configuração automática de pontos específicos, como arremates e cortes de linha. Ao contrário das máquinas elétricas, as máquinas eletrônicas não esquentam, não vibram de forma excessiva e proporcionam um ambiente de trabalho mais ergonômico. Esses avanços não apenas aumentam a produção, mas também ampliam as possibilidades de ganhos para as costureiras. A adoção de tecnologias mais modernas pode diminuir o tempo necessário para completar uma peça e reduzir o esforço físico, permitindo que as trabalhadoras se concentrem em aspectos mais criativos e menos repetitivos do trabalho.

Entretanto, o acesso a esses maquinários muitas vezes é desigual. Enquanto algumas facções conseguem modernizar seu parque tecnológico, outras continuam operando com equipamentos obsoletos, perpetuando a precarização e os baixos rendimentos. Nesse contexto, o conceito de "ciborgue" proposto por Donna Haraway ajuda a compreender como as costureiras em facções de costura se tornam híbridas, misturando suas identidades humanas com as máquinas que operam diariamente. Haraway sugere que a fusão entre humano e máquina pode ser uma oportunidade de subverter fronteiras tradicionais e criar novas formas de agência, mas no contexto das facções de costura essa relação frequentemente se impõe de maneira adversa.

Em vez de libertar as trabalhadoras, a tecnologia obsoleta e a falta de capacitação frequentemente as confinam a tarefas mecânicas, repetitivas e fragmentadas. As costureiras ficam limitadas em sua capacidade de desenvolver novas habilidades ou de controlar o processo criativo, o que reforça sua exploração. Contudo, Haraway propõe que, se implementada corretamente, a tecnologia pode ser uma ferramenta de transformação. Facções que investem em maquinário moderno e capacitação tecnológica podem oferecer às costureiras um maior controle sobre o processo produtivo. Máquinas mais avançadas permitem maior precisão, rapidez e eficiência, o que pode resultar em maior independência financeira e uma redução das desigualdades dentro do setor.

O impacto da tecnologia no ofício da costura é ambivalente: ao mesmo tempo em que pode limitar as trabalhadoras, também pode abrir caminhos para a melhoria de suas condições de trabalho e maior valorização de sua força de trabalho. A chave para equilibrar essas forças está na forma como a tecnologia é implementada e distribuída. Uma abordagem que priorize o acesso igualitário a recursos modernos e que invista na capacitação das trabalhadoras pode não apenas aumentar a produtividade, mas também criar um ambiente de trabalho mais justo e digno para as costureiras que operam nas facções de costura no Brasil.

3.4 PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA CONFECÇÃO

O trabalho informal na área de confecção de roupas no Brasil está profundamente enraizado em uma lógica de exploração. As práticas contemporâneas de desvalorização e precarização do trabalho, especialmente feminino, ecoam estruturas de exploração histórica, e o ambiente de trabalho informal é um exemplo claro disso. O contexto da produção de vestuário em facções revela como a lógica do capitalismo neoliberal intensifica a auto exploração, em que as costureiras assumem os custos e riscos de seu trabalho, mas que demonstram insatisfação com a remuneração dele.

Imagem 7 — Comentários de Facebook sobre a baixa remuneração



Fonte: Grupo de Facebook - Costureiras de Goiânia e região metropolitana (2019).

O relato de um dono de facção publicado nas redes sociais, no qual ele expressa indignação sobre o preço desvalorizado da costura e compara as condições

de trabalho a uma forma moderna de escravidão, conta com adesão de 232 comentários de outros profissionais do setor, a grande maioria concordando com o depoimento, evidenciando a precarização coletiva. Comentários como aponta a aceitação de "preços miseráveis" que aponta a aceitação de preços que os trabalhadores do setor não consideram justo, e outros comentários evidenciando a falta de valorização, mostra a insatisfação com as condições de trabalho, onde o esgotamento físico e a falta de direitos são rotinas comuns.

As facções domiciliares, especialmente em regiões como Goiânia, exemplificam como o espaço doméstico, transformado em local de produção, reflete a fusão entre trabalho produtivo e reprodutivo, sobrecarregando ainda mais as trabalhadoras. A queixa de Jovelina Deus sobre os custos não pagos pelos empregadores, como medicamentos para as dores nas costas e materiais de trabalho, reforça essa sobrecarga invisível. A recorrência dessas queixas revela uma verdade dolorosa: o preço da costura, especialmente em períodos de baixa demanda, cai drasticamente, o que força as costureiras a aceitarem remunerações insuficientes, muitas vezes trabalhando mais horas para compensar o valor.

Assim, essa dinâmica de exploração não apenas perpetua a precarização das condições de trabalho, mas também remete às estruturas de trabalho forçado e desvalorizado do período escravocrata. A informalidade no setor impede o acesso a direitos trabalhistas básicos, como férias e previdência, criando um ciclo de exploração que continua a alimentar as desigualdades.

Portanto, a precarização do trabalho das costureiras em facções domiciliares revela a continuidade de um sistema de exploração que começou na escravidão e, hoje, se manifesta nas dinâmicas do mercado informal capitalista, onde o valor do trabalho segue sendo invisibilizado e desvalorizado.

3.5 JORNADA DUPLA DA MULHER E DA CASA

O trabalho nas facções de costura, predominantemente feminino, reflete uma realidade de vulnerabilidade social e econômica. O setor de confecção é marcado por baixos salários, falta de proteção trabalhista e condições precárias. Além disso, as mulheres enfrentam o desafio de conciliar o trabalho remunerado com as

responsabilidades domésticas, configurando a chamada jornada dupla. Essa sobrecarga gera impactos físicos, emocionais e sociais, como aponta Nancy Fraser ao discutir o capitalismo neoliberal e a crise da reprodução social: “as mulheres lutam para lidar com as demandas conflitantes da produção remunerada e do trabalho de cuidado não remunerado” (FRASER, 2013).

A ausência de políticas públicas adequadas, como creches e escolas em período integral, agrava a dificuldade de conciliação, aumentando a exaustão dessas mulheres. Sherry Ortner observa que a divisão entre o trabalho produtivo e o cuidado doméstico continua a ser reproduzida nas sociedades modernas, limitando o crescimento pessoal e profissional das mulheres (ORTNER, 1996). Pierre Bourdieu, com seu conceito de *habitus*, explica como essas práticas sociais se tornam internalizadas, levando muitas mulheres a aceitar a jornada dupla como algo natural e inevitável, perpetuando a desigualdade de gênero (BOURDIEU, 1989).

Outro fator que agrava a sobrecarga dessas mulheres é o fato de muitas facções de costura funcionarem dentro de suas próprias casas, o que confunde as fronteiras entre os espaços de trabalho e de vida pessoal. Quando a residência se transforma também em local de produção, a dona da facção acumula não apenas as tarefas profissionais e familiares, mas lida com a sobreposição de funções e papéis. A casa, que deveria ser um espaço de descanso, torna-se uma extensão do ambiente produtivo, o que intensifica o esgotamento físico e mental dessas mulheres. Como uma das entrevistadas menciona, após trabalhar o dia inteiro, ela ainda precisa cuidar da casa à noite: “*de noite que eu vou cuidar da casa, que é lavar a louça, organizar e limpar as coisas para outro dia amanhecer limpo*” essa preocupação em manter a manutenção da casa não é simplesmente pelo doméstico, mas também porque é onde funciona a facção durante o dia.

Além disso, a pressão para continuar trabalhando, mesmo após o fim do expediente, é constante, como relatado pela mesma entrevistada: “*Todos os dias eu costuro à noite. Tipo até oito e meia, nove horas*”. Esse testemunho reforça a dificuldade de separar as obrigações profissionais das responsabilidades domésticas, resultando em uma jornada de trabalho ainda mais extensa e exaustiva.

Além da jornada dupla, a precarização se intensifica pela informalidade no mercado de trabalho. Fraser (2013) argumenta que a informalidade, somada à falta de políticas públicas, obriga muitas mulheres a aceitar empregos com pouca proteção

e baixa remuneração, como ocorre no setor de confecção. A autora sugere a redistribuição das responsabilidades de cuidado por meio de políticas que promovam a igualdade, como licenças parentais e o reconhecimento do trabalho doméstico nas políticas públicas: “uma solução justa exigiria a socialização de muitas funções de reprodução social”, incluindo cuidados coletivos (FRASER, 2013).

O impacto da jornada dupla aparece de forma clara no campo. Juliana, uma costureira e dona de facção, relata a dificuldade de equilibrar o gerenciamento da facção com as responsabilidades familiares, exemplificando a sobrecarga emocional e física causada pela acumulação de funções. Em um momento, ela quase “colocou sal no café”, uma evidência do cansaço mental causado pela sobreposição de atividades.

A fusão do espaço doméstico e profissional nas facções de costura intensifica ainda mais a precarização do trabalho. Silva, Palmer e Cunha (2023) analisam como o mercado se apropria do espaço doméstico para sustentar práticas produtivas precárias. No contexto brasileiro, assim como em Timor-Leste, costureiras que transformam suas casas em locais de trabalho enfrentam uma sobrecarga, pois suas responsabilidades domésticas e produtivas se sobrepõem (SILVA; PALMER; CUNHA, 2023).

Essa transformação exemplifica o “encolhimento do doméstico”, onde o espaço familiar é subjugado pelas demandas do mercado capitalista, um conceito que se relaciona diretamente à fusão entre o ambiente privado e o espaço de produção. Esse fenômeno é particularmente evidente em facções de costura domiciliares, onde o local de moradia é também utilizado para atividades produtivas. A casa, tradicionalmente reservada para o descanso e as atividades familiares, se transforma em um ambiente de trabalho, onde o controle sobre o tempo e o espaço privado é comprometido pelas exigências da produção capitalista.

Essa dinâmica de subjugação do espaço doméstico reflete as discussões trazidas por autores como Henri Lefebvre (2006), que argumenta que o espaço é uma construção social, moldado pelas relações de poder e produção. Da mesma forma, Silvia Federici(2019) analisa como o capitalismo penetra no espaço doméstico, transformando atividades não remuneradas em parte integrante do sistema econômico. O “encolhimento” se refere à perda de autonomia e ao crescente controle

que o mercado exerce sobre o espaço doméstico, que deixa de ser exclusivamente um local de refúgio familiar para se tornar uma extensão da lógica produtiva.

Essas análises destacam como as fronteiras entre o público e o privado se tornam cada vez mais tênues na era do capitalismo tardio, onde até o espaço mais íntimo e pessoal é reorganizado para atender às necessidades de produção e exploração econômica. Bourdieu (1989) também contribui ao discutir como o *habitus* familiar é desestabilizado quando o espaço doméstico é utilizado como local de produção. Isso gera tensões sociais e impacta a qualidade de vida das costureiras, que precisam equilibrar as obrigações profissionais e familiares.

A análise de Silva, Palmer e Cunha (2023) sobre a invisibilização das práticas comunitárias esclarece como o trabalho das costureiras permanece fora da fiscalização e sem proteção trabalhista. Ortner (1996) reforça essa perspectiva ao descrever como o trabalho feminino é subestimado tanto no mercado quanto na sociedade, o que agrava as desigualdades de gênero e as formas de exploração.

3.6 O HOMEM NA COSTURA

No contexto do setor de confecção, a presença masculina tem sido historicamente reduzida e associada a funções específicas, especialmente em atividades que demandam habilidades técnicas e o uso de maquinário de maior porte, como a etapa de corte e modelagem. Tradicionalmente, o trabalho de costura é fortemente marcado pela presença feminina, especialmente nas funções de costura e acabamento, refletindo uma divisão sexual do trabalho que, segundo Scott (1998), reforça estereótipos de gênero e a atribuição de determinadas tarefas com base em pressupostos sociais e culturais sobre as capacidades e responsabilidades de cada gênero.

Nos últimos anos, no entanto, a inserção masculina tem aumentado, sendo dominante o trabalho de homens em áreas específicas, como o corte e a estamparia. Segundo Edilson Borges, presidente do Sindiroupas-GO, “a indústria de roupas é atualmente a maior empregadora do estado de Goiás, ultrapassando até o número de trabalhadores da construção civil” (Domingo Espetacular, 2024). Segundo ele, cerca de 30% dos trabalhadores do setor são homens, muitos deles vindo de áreas como a

construção civil ou o trabalho rural, buscando na indústria têxtil uma alternativa menos desgastante fisicamente e com melhores condições de trabalho em comparação a outros setores tradicionais. Esse fenômeno, conforme Souza (2018), se relaciona com uma valorização técnica da mão de obra masculina em áreas que exigem precisão e manejo de maquinário especializado, funções estas que, no imaginário social, são vistas como "mais apropriadas" para homens.

O aumento da presença masculina em funções de corte e estamparia na produção de roupas tem ligação direta com o processo de modernização e especialização no setor. A introdução de maquinário automatizado e avançado, que exige operadores capacitados, é geralmente associada a características como precisão e controle, qualidades que, culturalmente, são frequentemente atribuídas ao masculino. Segundo Silva (2017), essas tarefas criam uma estrutura hierárquica informal nas facções, onde os homens ocupam funções mais técnicas e bem remuneradas, enquanto as mulheres permanecem nas atividades "tradicionais" de costura e acabamento. Isso demonstra uma continuidade nos padrões de desigualdade de gênero, onde os homens se concentram em papéis com maior reconhecimento técnico e salarial.

Além disso, mesmo quando homens trabalham diretamente na costura, eles tendem a receber uma remuneração superior, baseada na premissa de que entrega uma maior produtividade no uso das máquinas. Essa distinção salarial reforça estereótipos de eficiência e habilidades técnicas masculinas, perpetuando desigualdades de gênero que beneficiam os homens em uma indústria marcada pela predominância feminina nas posições de base. Federici (2004) argumenta que a divisão sexual do trabalho, incluindo a prevalência do trabalho feminino em funções reprodutivas ou "de suporte", é uma herança da acumulação primitiva e da exploração do trabalho não remunerado, especialmente em setores informalizados, como o da confecção. Essa estrutura histórica é reforçada pelo que Bourdieu (2003) chama de "habitus de gênero", onde os homens que atuam em funções tipicamente femininas, como a costura, sentem-se compelidos a reafirmar sua masculinidade, frequentemente buscando diferenciação dentro do ambiente de trabalho, seja assumindo posições de liderança ou migrando para setores que envolvem o uso de tecnologia e demandam uma percepção técnica mais especializada.

Ainda assim, a experiência dos homens no setor de costura também é marcada pela informalidade e sazonalidade, características predominantes nas facções e fábricas de fundo de quintal, como observado em "Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar". A obra mostra como muitos homens em Toritama se dedicam ao trabalho informal na confecção de jeans, transformando suas casas em pequenas fábricas e operando sob uma lógica de produção intensiva e altamente precarizada, onde a pressão por produtividade é constante e as garantias trabalhistas são inexistentes. Esse contexto de trabalho expõe tanto homens quanto mulheres a uma exploração que transcende questões de gênero, atingindo todos que operam no setor de confecção informal.

Souza (2018) reforça que, apesar de os homens ocuparem funções no setor de costura com remunerações mais elevadas, eles enfrentam desafios semelhantes aos das mulheres, como a dependência de uma remuneração diária instável. A sazonalidade e a alta rotatividade, no entanto, são ainda mais intensas entre os trabalhadores masculinos. Eles tendem a ocupar posições temporárias e circular por diferentes facções, buscando trabalho apenas nos períodos de alta produção. Isso ocorre por dois motivos principais: primeiro, a mão de obra masculina, por ser mais cara, tende a ser substituída por trabalhadoras mulheres em períodos de baixa demanda, pois estas, em geral, aceitam remunerações menores; segundo, muitos homens realizam serviços em outras áreas, como a construção civil, o que lhes proporciona mais oportunidades de escolha e a possibilidade de optar pelo trabalho que oferece melhor remuneração. Esse padrão de trabalho temporário aumenta a vulnerabilidade desses profissionais, que permanecem sujeitos às flutuações do mercado e sem o respaldo de um vínculo empregatício estável.

Dessa forma, a entrada masculina no setor de confecção revela tanto uma transformação nas dinâmicas produtivas quanto um reflexo das desigualdades de gênero que persistem nesse campo. Embora os homens estejam conquistando espaço em funções específicas, ainda enfrentam barreiras estigmatizantes e precárias. Segundo Freeman (2014), a lógica do "empreendedorismo neoliberal" molda esses trabalhadores, que são levados a enxergar o trabalho como um elemento central de suas vidas, sendo compelidos a uma constante autossuperação e adaptação. Nesse sentido, a presença masculina na costura não representa uma ruptura com a lógica de precarização da indústria, mas uma adaptação de uma mão

de obra marcada pela vulnerabilidade e pela informalidade, reforçando a necessidade de regulamentação e melhorias nas condições de trabalho para todos os envolvidos no setor.

4 CONCLUSÃO

A presente dissertação buscou investigar, sob uma perspectiva antropológica, as complexas dinâmicas de trabalho nas facções de costura domiciliares em Goiânia, com foco particular nas costureiras que desempenham suas funções em um ambiente marcado pela informalidade e pela sobreposição entre o espaço doméstico e o produtivo. A partir dessa investigação, foi possível desvendar não apenas as condições materiais dessas trabalhadoras, mas também as camadas de exploração, e subjetividade que moldam suas experiências.

A pesquisa revelou que a precarização do trabalho nas facções domiciliares está intrinsecamente ligada a uma série de fatores estruturais, que vão desde as desigualdades de gênero até a ausência de regulamentação legal para o setor de confecção. O fato de as facções funcionarem em espaços residenciais resulta em uma fusão entre o ambiente doméstico e o espaço produtivo, o que agrava a carga de trabalho dessas mulheres. Essa sobrecarga se manifesta tanto no aspecto físico quanto no emocional, já que as costureiras precisam administrar simultaneamente as demandas produtivas da facção e as responsabilidades domésticas, em uma espécie de jornada tripla. Isso revela uma lógica de exploração que se reproduz no contexto contemporâneo, onde a flexibilização do trabalho e a informalidade são frequentemente apontadas como características de autonomia, mas que, na prática, resultam em maior vulnerabilidade e insegurança.

Outro aspecto central desta dissertação foi a análise do impacto das novas tecnologias no setor de confecção, em especial a introdução de máquinas especializadas que fragmentam o processo produtivo. A partir das teorias de Donna Haraway sobre o ciborgue, tornou evidente que as costureiras, antes reconhecidas por seu domínio artesanal e criativo sobre a produção de roupas, foram gradualmente transformadas em operadoras de máquinas, perdendo parte de sua autonomia e do controle sobre o produto final. A alienação resultante dessa transformação não é apenas econômica, mas também simbólica, uma vez que as trabalhadoras deixam de se identificar como artesãs e passam a ser vistas como engrenagens em uma cadeia produtiva massificada.

Essa alienação também se reflete na maneira como as costureiras se inserem em um mercado de trabalho altamente informal. A informalidade no setor de

confeção não é um fenômeno recente, mas sua permanência e consolidação ao longo dos anos demonstram como o Estado tem falhado em regulamentar adequadamente essa área. As costureiras que atuam nas facções domiciliares estão, em sua maioria, desprovidas de direitos trabalhistas, o que as coloca em uma situação de extrema vulnerabilidade. Essa falta de proteção, somada à imprevisibilidade do trabalho e à dependência de contratos temporários, torna o dia a dia dessas trabalhadoras uma luta constante pela sobrevivência. Ao se depararem com salários irregulares, jornadas extenuantes e a falta de benefícios sociais, muitas dessas mulheres se veem obrigadas a fazer sacrifícios que afetam diretamente sua saúde física e mental, o que agrava ainda mais o ciclo de precarização.

Por outro lado, um dos aspectos mais significativos evidenciados nesta pesquisa foi a capacidade de agência dessas mulheres, mesmo em meio a um cenário adverso. As costureiras das facções domiciliares, apesar de enfrentarem condições de trabalho extremamente difíceis, encontram formas de negociação com o sistema. Muitas delas, por exemplo, constroem redes informais de apoio entre outras trabalhadoras, por meio de grupos em redes sociais e aplicativos de mensagens, onde compartilham oportunidades de trabalho, trocam conhecimentos técnicos e oferecem suporte emocional umas às outras. Essa solidariedade de classe, ainda que limitada pela própria estrutura de informalidade, revela a força coletiva dessas mulheres em um ambiente de trabalho fragmentado e invisibilizado.

Além disso, a dissertação destacou o papel das costureiras na reprodução de um sistema produtivo que, paradoxalmente, as exclui das esferas de proteção social e as explora economicamente. As facções domiciliares funcionam, de certa forma, como unidades de produção informal que alimentam grandes cadeias produtivas da moda, ao mesmo tempo, em que mantêm essas trabalhadoras invisíveis para o mercado formal. Esse ciclo de exploração e exclusão não é apenas econômico, mas também cultural e social, refletindo uma herança histórica de desvalorização do trabalho feminino e doméstico no Brasil.

A partir da análise das entrevistas e observações de campo, ficou evidente que as costureiras não são apenas vítimas passivas desse sistema de exploração. Elas atuam como sujeitos ativos na construção de suas trajetórias profissionais e pessoais, mesmo que essas trajetórias sejam atravessadas por limitações impostas pelo capitalismo contemporâneo. A partir das suas práticas cotidianas, elas criam

estratégias para driblar as dificuldades impostas pela informalidade, tentando conciliar as demandas de trabalho e as responsabilidades familiares, enquanto lutam por melhores condições de vida.

Portanto, ao fim desta pesquisa, conclui-se que o trabalho das costureiras nas facções domiciliares de Goiânia não pode ser compreendido apenas sob a visão econômica ou técnica, mas precisa ser analisada a partir de uma perspectiva antropológica que considere as múltiplas dimensões que atravessam essas trabalhadoras: gênero, tecnologia e informalidade. A dissertação contribui, assim, para uma maior compreensão das facções de costura como um espaço onde se manifestam e se reproduzem as desigualdades estruturais da sociedade brasileira, mas também onde surgem formas de contestação e solidariedade que desafiam essas mesmas estruturas.

REFERÊNCIAS

AL-AMRANI, W. A.; HANAFIAH, M. A. K. M.; MOHAMMED, A-HA. **Impact of textile dyes on health and ecosystem: a review of structure, causes, and potential solutions**. Springer, 2022 Trabalho de Conclusão de Curso.

ARAÚJO, K.. **A terceirização do trabalho nas facções de costura do Seridó Oriental Potiguar (RN)**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017 Trabalho de Conclusão de Curso.

ASN GOIAS. **Região da 44, em Goiânia, recebeu mais de 16 milhões de visitantes**. Disponível em: Acesso em: 31 out. 2024.

Audaces. **Conheça os 6 principais tipos de estamparia e suas aplicações**. Audaces. Disponível em: <https://audaces.com/pt-br/blog/tipos-estamparia>. Acesso em: 31 out. 2024.

BARTHES, Roland. **O sistema da moda**, f. 177. 1980. 353 p.

BAUDELAIRE, Charles; DUFILHO, Jérôme; TADEU, Tomaz. **O Pintor da Vida moderna**. Autêntica, v. 3, f. 76, 2018. 152 p.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. EdUSP, f. 281, 2006. 562 p.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, f. 156. 2001. 311 p.

BOURDIEU, Pierre. **The Forms of Capital**. Greenwood, 1986, p. pp. 241-258 Trabalho de Conclusão de Curso.

BREMAN, Jan. **At Work in the Informal Economy of India: A Perspective from the Bottom Up**, f. 234. 2013. 467 p.

BREMAN, Jan. **Proletarização Sem Formalização: a Nova Face do Trabalho Informal**. Cortez, 2013.

CENÁRIO do Setor Têxtil e de Confecção no Brasil: 2023. ABIT, 2023 Trabalho de Conclusão de Curso.

CLARA SOUZA, Maria. **Costura e Gênero: Dinâmicas de Trabalho no Setor Têxtil Brasileiro**. Annablume, 2018.

COLOMBI, A. P. F.; LEMOS, P. R.; CORRÊA, E. G.. **Ofensiva patronal e vulnerabilidade laboral: os efeitos iniciais da reforma trabalhista**. Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho, v. 53, 2020 Trabalho de Conclusão de Curso.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI).. **Idade e Ciclo de Vida das Máquinas e Equipamentos no Brasil**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.inforchannel.com.br>. Acesso em: 9 out. 2024.

CONVENÇÃO COLETIVA DE TRABALHO 2024/2025. **Diário Oficial da União**, 2024.

CORRÊA, L. M. **A informalidade no setor de confecção e a precarização das relações laborais**. Revista Brasileira de Sociologia, v. 8, 2023, p. 101-115 Trabalho de Conclusão de Curso.

CUNHA, F. A. M. **Facções de costura no interior do RN: desafios e possibilidades**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015 Trabalho de Conclusão de Curso.

DADOS ECONÔMICOS – INDÚSTRIA DA MODA. **Federação das indústrias do estado de Goiás** , Goiania, 2021.

Dia Online. **Região da rua 44, em Goiânia: um raio-X do polo atacadista**. Disponível em: <https://diaonline.ig.com.br/aproveite/cidades/regiao-da-rua-44-em-goiania-um-raio-x-do-2o-maior-polo-atacadista-do-pais/>. Acesso em: 31 out. 2024.

DOMINGO Espetacular. Reportagem sobre o setor de confecção e trabalhadores informais. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OS3EHVrAxPI&ab_channel=DomingoEspetacular. Acesso em: 18 out. 2024. Disponível em: Acesso em: 31 out. 2024.

DOUGLAS, Mary . The Idea of a Home: A Kind of Space. **Social Research**, v. 58, n. 1, p. 287-307, 1991.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. 2009.

EMPREENDEDOR EM GOIÁS: Região da 44 fatura R\$ 7 bilhões por ano e já é o 5º PIB de Goiás. 2024.

ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar.. Carnaval Filmes, 2019.

FashionUnited. **Região da 44 em Goiânia movimentou 14 bilhões de reais em 2023..** Disponível em: [ps://fashionunited.com.br/news/business/regiao-da-44-em-goiania-go-movimentou-14-bilhoes-de-reais-em-2023-17](https://fashionunited.com.br/news/business/regiao-da-44-em-goiania-go-movimentou-14-bilhoes-de-reais-em-2023-17). Acesso em: 31 out. 2024.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva.** 2 ed. Elefante, 2017.

FEIRA da Lua deve se tornar Patrimônio Cultural de Goiânia. 2024. Disponível em: <https://goportal.com.br/2024/02/22/feira-da-lua-deve-se-tornar-patrimonio-cultural-e-imaterial-de-goiania/>. Acesso em: 17 out. 2024.

FEIRA da Lua é tradição de sábado há 30 anos em Goiânia. 2023. Disponível em: <https://pontoevirgulanoticias.com/noticia/27250/feira-da-lua-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-de-goiania>. Acesso em: 10 out. 2024.

FIEG – Federação das Indústrias do Estado de Goiás. DADOS ECONÔMICOS – INDÚSTRIA DA MODA. **Sistema FIEG.** 5 p, 2018.

FIEG. **Relatório Setorial da Indústria de Confecções em Goiás.** FIEG - Federação das Indústrias do Estado de Goiás, 2015 Trabalho de Conclusão de Curso.

FONSECA, A.; S.; ET AL.. **Chemical Hazards at Work and Occupational Diseases Using Job-Exposure Matrices.** SpringerLink, 2022 Trabalho de Conclusão de Curso.

FRANCO, Marco; FERRAZ, Amanda. **Trabalho e Flexibilidade: Uma Análise das Plataformas Digitais.** Boitempo, 2019.

FRASER, Nancy. **Fortunes of Feminism: From State-Managed Capitalism to Neoliberal Crisis.** Verso Books, f. 129, 2013. 257 p.

FREEMAN, Carla. **Entrepreneurial selves: neoliberal respectability and the making of a Caribbean middle class.** Duke University Press, 2014.

GIRALDIN, Raoni Machado. **Antropologia do Capitalismo na Sala do Empreendedor,** f. 194 Dissertação (Antropologia - Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em:. Acesso em: 8 set. 2024.

Goiás atual. **Segundo maior polo de confecção e moda do país, 44 ganha o shopping mais bonito da região.** Goiás atual. Disponível em: <https://goiasatual.com.br/20/04/2019/segundo-maior-polo-de-confeccao-e-moda-do-pais-44-ganha-o-shopping-mais-bonito-da-regiao/>. Acesso em: 17 set. 2024.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue**: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX. Ed. 34, 2009.

Hart, K. . Informal Income Opportunities and Urban Employment in Ghana.. **The Journal of Modern African Studies**, 1973.

HARVEY, David. **A Brief History of Neoliberalism**. Oxford University Press, USA, v. 1, f. 128, 2006. 256 p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. Edições Loyola, v. 1, f. 178, 1992. 356 p.

HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções**: 1789-1848. Editora Paz e Terra, v. 3, f. 390, 2015. 780 p.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatísticas de Gênero: Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil**. 3ª ed. IBGE, 2024 Trabalho de Conclusão de Curso.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. IBGE. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/2511-np-pnad-continua.html>.. Acesso em: 9 set. 2024.

KANT, IMMANUEL. **CRITICA DA FACULDADE DO JUÍZO**, f. 195. 2004. 390 p.

KANT, Immanuel. **Kant: Anthropology from a Pragmatic Point of View**. Cambridge University Press, v. 1, f. 146, 2006. 292 p.

KESKULA, Eeva . **Anthropological perspectives on work**: definitions, classical approaches and transformations . The international Encyclopedia of Anthropology. 2018. Disponível em: . Acesso em: 23 jul. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. 2 ed. Edusp, 2011.

LIMA, A. M. L. **Impactos socioeconômicos das facções em Itapirapuã-GO: o papel da Hering na geração de emprego e renda em Goiás**. Universidade Estadual de Goiás, 2016 Trabalho de Conclusão de Curso.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: A moda e seu destino nas sociedades modernas. Editora Companhia das Letras, v. 3, f. 178, 2009. 356 p.

LOPES, José Sérgio Leite. **O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar**, f. 121. 1977. 242 p.

MARIA SILVA, Selma. **Trabalho, gênero e identidade no setor de confecção no município de Goiânia-GO: o Polo da região da Rua 44**. 2017. 265 f. p Trabalho de Conclusão de Curso.

MARINS, CRISTINA TEIXEIRA; KESKÜLA, EEVA. *Antropologia do Trabalho: Discussões Contemporâneas. Trajetórias e perspectiva*, 2022.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. Nova Fronteira, v. 2, f. 33, 2010. 65 p.

MARX, Karl. **O Capital**: Edição Condensada. EDIPRO, v. 2, f. 144, 2019. 287 p.

MELO, A. F. **Reestruturação produtiva e o setor de confecções no Brasil**, v. 5. 1998, p. 203-221 Trabalho de Conclusão de Curso.

MELO, Ana Paula. **A Precarização do Trabalho na Era Digital**. FGV Editora, 2015.

MENDES DO NASCIMENTO, Carolina. **Pega-se facção: O trabalho na indústria de confecções e a experiência das mulheres costureiras na cadeia produtiva da moda em Pernambuco**. Universidade Federal de Pernambuco, 2021.

MAUSS, MARCEL. TÉCNICAS DO CORPO. SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA. SÃO PAULO: COSAC NAIFY, 2003.

MODA produzida na Região da 44 abastece Europa, África e Américas. 2024.

MOLDE.ME. **A Importância do Desenho Técnico de Moda**. molde.me. Disponível em: <https://molde.me/blog/conteudo/a-importancia-do-desenho-tecnico-de-moda>. Acesso em: 31 out. 2024.

NOGUEIRA DA SILVA, Renata. **Sentidos de tráfico e tráfico de sentidos: dissertação sobre a produção e reprodução social da escravidão no Brasil do século XIX**. Universidade de Brasília, 2019 Trabalho de Conclusão de Curso.

NOMUS. **Pesquisa sobre maquinário e tecnologia industrial no Brasil**, 2023.

NUNES, J. H.; CAMPOS, A. F. **O setor de confecção em Goiânia: análise da relação entre trabalho doméstico e trabalho domiciliar**, v. 9. 2005, p. 237-258 Trabalho de Conclusão de Curso.

O QUE É GRADAÇÃO e como executá-la com poucos cliques. Audaces. Disponível em: <https://audaces.com/pt-br/blog/o-que-e-gradacao-e-como-executa-la-com-poucos-cliques>. Acesso me: 31 out. 2024.

ORTNER, Sherry B. **Making Gender**: The Politics and Erotics of Culture. Beacon Press (MA), f. 140, 1995. 280 p.

PARKER, Simon. **The Economics of Self-Employment and Entrepreneurship**. Cambridge University Press, 2004.

PEDROSO, M. M., SORAYA. **A configuração do setor têxtil e de confecção em Goiânia: feiras, facções e arranjos produtivos**, v. 20. 2018, p. 115-130 Trabalho de Conclusão de Curso.

PESQUISA Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2015 Trabalho de Conclusão de Curso.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **TECIDOS; HISTÓRIAS, TRAMAS, TIPOS E USOS**. 5 ed. São Paulo: SENAC, f. 13, 2017. 328 p.

PORTO, A. **As transformações no setor de confecção em Goiânia: o papel das facções e a informalidade**, v. 2. 2020, p. 45-68 Trabalho de Conclusão de Curso.

PUC TV GOIÁS. A importância do setor de confecção em Goiás - Entrevista com Edilson Borges. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZWjIS4TB76Q&ab_channel=PUCTVGOI%C3%81S. Acesso em: 18 out. 2024. Disponível em:.. Acesso em: 31 out. 2024.

ROSA, M. A. G.; CUNHA, D. M. **Ofício de costureira: desvelando normas, saberes e valores**. Revista Diversidade e Educação, v. 11, 2023, p. 833-859 Trabalho de Conclusão de Curso.

RUA 44 SE CONSOLIDA como um dos principais centros do Brasil. 2024.

SAHLINS, Marshall. **Stone Age Economics**. 3 ed. Routledge, 2017.

SALARIO.COM.BR. Costureira em Geral: Piso Salarial 2024 - Goiânia, GO. Salario.com.br, 2024. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/costureira-em-geral/piso-salarial/goiania-go/>. Acesso em: 15 out. 2024. Disponível em:.. Acesso em: 31 out. 2024.

SCHWARTZ, Daniela. **Subordinação Algorítmica e a Nova Face do Trabalho Informal**. Cortez, 2021.

SILVA, Kelly; PALMER, Lisa; CUNHA, Teresa. **Economic Diversity in Contemporary Timor-Leste**. Amsterdam University Press, 2023.

SILVA, Selma Maria da. **Trabalho, gênero e identidade no setor de confecção no município de Goiânia-GO: O Polo da região da Rua 44**. Goiânia, 2017. 267 p Tese (Sociologia) - Universidade Federal de Goiás.

SIMMEL, Georg. Die Mode. **Philosophische Kultur**, Leipzig, 1911.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Jorge Zahar Editor Ltda, f. 112, 2009. 224 p.

TUMELERO, Naína. **Tese de doutorado**: da estrutura à formatação na ABNT. Blog Mettzer. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/tese-de-doutorado/>. Acesso em: 31 out. 2024.

VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições, f. 91. 1987. 181 p.

WALLACH SCOTT, Joan. **Gênero e a Política da História**. Paz e Terra, 1998.

WILSON, Elizabeth. **Adorned in Dreams**: Fashion and Modernity. Rutgers University Press, v. 1, f. 179, 2002. 358 p.

ZANOTTI . **Moodboard: o que é, pra que serve e como fazer o seu!** Zanotti. Disponível em: <https://zanotti.com.br/blog/moodboard-o-que-e-e-como-fazer-o-seu/>. Acesso em: 31 out. 2024.